

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

LUCIA DAL PONT SIRTOLI

MIRIAM DE MAGDALA: RECONHECENDO UMA APÓSTOLA

São Leopoldo

2023

LUCIA DAL PONT SIRTOLI

MIRIAM DE MAGDALA: RECONHECENDO UMA APÓSTOLA

Trabalho final de Mestrado Profissional para a obtenção do grau de Mestra em Teologia na Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Teologia. Área de Concentração: Teologia Bíblica. Linha de Pesquisa: Estudo e ensino da Bíblia.

Orientadora: Carolina Bezerra de Souza

São Leopoldo
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S621m Sirtoli, Lucia Dal Pont
Miriam de Magdala : reconhecendo uma apóstola / Lucia Dal Pont Sirtoli ; orientadora Carolina Bezerra de Souza . – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.
69 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Ordenação de mulheres. 2. Miriam de Magdala. 4. Apóstolas. I. Souza, Carolina Bezerra de, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LUCIA DAL PONT SIRTOLI

MIRIAM DE MAGDALA: RECONHECENDO UMA APÓSTOLA

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação
Linha de atuação: Leitura e Ensino da Bíblia

Data de Aprovação: 06 de março de 2023

PROF.^a DR.^a CAROLINA BEZERRA DE SOUZA (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. RUBEN MARCELINO BENTO DA SILVA (EST)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a CLAUDETE BEISE ULRICH (FUV)
Participação por webconferência

Assinado digitalmente
por
Carolina Bezerra de
Souza
Data: 13/04/2023
16:49:02 -03:00



Assinado digitalmente
por
Ruben Marcelino Bento
da Silva
Data: 14/04/2023
07:18:18 -03:00



Dedico este trabalho a Luiz, meu marido, grande parceiro de vida. Gilio Natan, meu filho, presente Divino. Em memória, irmã Terezinha, irmão Antônio e minha mãe Olga, que fizeram sua Páscoa enquanto eu desenvolvia este mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Divina sabedoria, Deusa Mãe pela inspiração*, a todas as mulheres dos tempos bíblicos e da história, por toda resistência e resiliência nos permitindo assim, continuarmos na luta hoje.

A meu marido, Luiz Sirtoli, que assumiu muitas responsabilidades em meu nome para que eu pudesse estudar.

Ao meu filho Gilio Natan, que por vezes deu seu tempo em diálogos de aprofundamento sobre o tema.

À minha mãe Olga, que por muitas vezes precisei deixá-la em seu leito acamada, no final de sua vida neste plano, para dedicar-me a este trabalho, ela fez sua Páscoa quando eu terminava esta pesquisa.

A EST, por entender minha situação de perdas durante o pico da pandemia, prorrogando meu tempo nesta construção, e à minha orientadora Professora Carolina Bezerra pela paciência!

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi buscar o reconhecimento de Miriam de Magdala como uma apóstola de Jesus. Encontrar fontes que permitissem dar vida para aquela mulher que foi tão importante no cristianismo primitivo, mas que, com o passar do primeiro século, foi sendo esquecida por algumas comunidades cristãs. Suas palavras foram, aos poucos, sendo colocadas na boca de outros personagens bíblicos, até o ponto de descaracterizar o apostolado de mulheres no movimento de Jesus. Esta descaracterização contribuiu para o não reconhecimento das mulheres como parte na história das igrejas, em ministérios ordenados. Para essa busca, foram usadas chaves de interpretação propostas pela hermenêutica feminista e fontes nas origens do cristianismo, entendendo que nem tudo foi tranquilo ou fácil dentro do movimento que estava surgindo. Com esta pesquisa, gostaria de motivar as mulheres a questionarem as instituições religiosas que lhes negam o ministério ordenado, tendo como base o cânon bíblico. O que está por trás do longo período da não ordenação das mulheres, fato que ainda hoje acontece em algumas instituições religiosas cristãs, é o sistema patriarcal e não o mandato de Jesus. Não podemos parar de contrapor o sistema do patriarcado que fere e destrói tantas vidas e sonhos, principalmente das mulheres. O desejo é motivar as mulheres que se sentem chamadas a estar no movimento de Jesus hoje, tanto quanto estavam aquelas que caminharam com Ele, a sentirem-se motivadas a estarem onde desejarem estar.

Palavras-chave: Apóstola. Miriam de Magdala. Ministério ordenado

ABSTRACT

The objective of this work was to seek recognition of Miriam of Magdala as an apostle of Jesus and to find sources that give life to this woman who was so important in early Christianity. However, with the passage of the first century, she was forgotten by some Christian communities. Her words were, little by little, put in the mouths of other biblical characters, to the point of mischaracterizing the apostolate of women in the Jesus movement. This mischaracterization contributed to the non-recognition of women as part of the history of churches in ordained ministries. For this research, I used keys of interpretation proposed by feminist hermeneutics and sources on the origins of Christianity, understanding that not everything was smooth or easy within the emerging movement. With this research, I would like to encourage women to question religious institutions that deny them ordained ministry based on the biblical canon. What is behind the long period of non-ordination of women, a fact that still happens today in some Christian religious institutions, is the patriarchal system and not the mandate of Jesus. We cannot stop opposing the patriarchal system that hurts and destroys many lives and dreams, especially of women. The desire is to motivate women who feel called to be in the Jesus movement today, as well as those who walked with Him to feel motivated to be where they want to be.

Keywords: Apostle. Miriam of Magdala. Ordained ministry.

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1 - Comparação dos versículos de João.....	40
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ORIGEM DO CRISTIANISMO	15
2.1 LIVROS CANÔNICOS	16
2.2 APÓCRIFOS.....	18
3. A DISCÍPULA E APÓSTOLA QUE NÃO FOI RECONHECIDA	25
3.1 OS EVANGELHOS SINÓTICOS.....	29
3.1.1 Marcos	29
3.1.2 Mateus	30
3.1.3 Lucas.....	30
3.2 EVANGELHO DE JOÃO	32
3.3 A COMUNIDADE DO DIREITO À VIDA.....	34
4 O ENCONTRO DE MIRIAM DE MAGDALA COM JESUS	37
4.1 EXEGESE.....	37
4.2 DELIMITAÇÃO.....	39
4.3 O PAPEL TEOLÓGICO DAS MULHERES ONTEM E HOJE	46
4.4 EXCLUSÃO DAS MULHERES	49
4.4 AS MULHERES NO MINISTÉRIO ORDENADO	56
4.6 TEREMOS UM LONGO CAMINHO A PERCORRER	58
5 CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

Seu nome era dor Seu sorriso
dilaceração
Seus braços e pernas, asas
Seu sexo seu escudo
Sua mente libertação
Nada satisfaz seu impulso
De mergulhar em prazer
Contra todas as correntes
Em uma só correnteza
Quem faz rolar quem tu és?
Mulher!...¹

Por toda parte, em nossa sociedade, vivemos ainda hoje imposições sérias de um patriarcado que insiste em continuar. Em pleno século XXI, quando vivemos com uma tecnologia avançadíssima e com várias descobertas científicas, persiste um sistema que ainda impede, deturpa e destrói sonhos, vocações e desejos das mulheres. O sistema capitalista precisa perpetuar a família dentro do modelo patriarcal, pai, mãe e filhos para seguir vigorando, gerando lucro a um pequeno grupo, uns poucos em detrimento das fragilidades e carências de muitos.

Quero falar desse lugar de desafio e busca por direitos das mulheres desde o movimento de Jesus, nomear os termos que foram negados a elas que caminhavam no movimento Dele, nome que foi dado aos homens que estavam com Ele. A Palavra que desejo usar para este discipulado é apóstola, nome que foi negado e, com o passar do tempo, foi se distanciando cada dia mais das mulheres daquele movimento de tal forma que, quem era apóstola, passou a ser prostituta. E quanto mais foi se distanciando cronologicamente, mais as mulheres foram enxotadas da parte que lhes cabia no apostolado de Jesus.

O sistema patriarcal é milenar e vem se perpetuando de geração em geração, mesmo que, em vários momentos da história, mulheres tenham se levantado e iniciado movimentos para sair da moldura imposta. Hoje existem vários movimentos de luta contra a visão misógina, machista, sexista e todo tipo de opressão de gênero. É um sistema que está dentro de nossas casas, está em nossos trabalhos, está dentro de nossas igrejas.

Eu venho de uma educação infantil de origem italiana, imigrantes italiana no Brasil, muito machista em todos os sentidos, seja na família, escola ou igreja. Mesmo quando menina, não aceitava argumentos como: “Deus criou a mulher da

¹ Nascimento, Beatriz. <https://cebi.org.br/direitos-humanos/poesia-sonho-beatriz-nascimento>

costela de Adão, por isso o homem manda e a mulher deve obedecer”, ou, “mulher tem que obedecer ao marido, pois está na Bíblia”. Não aceitava que Deus fizesse distinção entre homens e mulheres, “uma pessoa mais abençoada do que a outra”. Prometi a mim mesma que um dia iria pesquisar e descobrir se isso procedia de fato da Bíblia. Travei uma batalha constante, na família muito religiosa com tradição católica romana e, dentro deste mesmo contexto do patriarcado, o padre e o bispo representavam Jesus peregrinando em meio às comunidades, mas com práticas totalmente opostas de Jesus.

Eu tinha uma vocação latente ao ministério ordenado, mas nasci mulher e não podia fazer nada, só acomodar-me com a situação e deixar assim. Como não sou de me acomodar, fui buscar informações e formação a respeito de tudo o que podia estar relacionado a esta questão.

Foram muitos estudos bíblicos e de mulheres na Bíblia tentando entender, desconstruindo e reconstruindo conceitos, muitas suspeitas nas aproximações de textos bíblicos, estudo do livro de Gênesis para entender que “Eva não foi tirada da costela do Adão para servi-lo”, e que este texto não se refere a uma mulher e um homem. Muita formação do sistema em que vivemos para entender o porquê de um sistema tão arcaico como o patriarcalismo ainda se perpetua até nossos dias. Sofro muito ainda hoje quando vejo igrejas que ainda não ordenam mulheres justificando-se com textos bíblicos.

Ainda tenho muito a caminhar na desconstrução e aproximação de textos bíblicos. Tenho clareza de que existiam muitas mulheres junto com Jesus nos primeiros anos do cristianismo. Naquele movimento de pessoas cristãs, suspeito que havia muitas mulheres discípulas.

Hoje sou uma mulher no ministério ordenado na igreja da qual participo, Igreja Episcopal anglicana do Brasil, como instrumento a serviço do Reino de Deus. Sofro muito quando vejo mulheres que são vocacionadas ao ministério ordenado, mas suas igrejas, justificando-se por meio da Bíblia, afirmam que as mulheres não podem exercer tal ministério. Falo isso não porque penso que as mulheres precisam ser ordenadas para dizer que nossa conquista por direitos e equidade passa por este lugar, mas para dizer que nossa luta por igualdade de gênero e equidade é: a mulher deve estar onde deseja, onde está sua vocação.

O meu desejo com esta pesquisa é buscar mais informação sobre as mulheres que estavam junto de Jesus em seu ministério, como apóstolas e

discípulas, mais especificamente Miriam de Magdala. Miriam e outras mulheres fizeram parte daquele grupo que aceitou estar no movimento de Jesus. Minha pesquisa se dará a partir das comunidades que compõem o Evangelho de João, resgatando o protagonismo de Miriam de Magdala naquelas comunidades. Jogar luzes sobre seu protagonismo como alguém que enfrentou o sistema do patriarcado e assumiu o projeto com Jesus. Buscar nela animação para superação das violências sofridas hoje, dentro e fora das instituições religiosas.

Miriam de Magdala, como representada nos evangelhos canônicos, pode ser exemplo para um ministério ordenado? Como o Cap. 20.1-18 do evangelho de João pode ajudar na desconstrução do patriarcado em nossas instituições cristãs, igrejas? Muitas mulheres ainda hoje sofrem discriminação, não aceitação no ministério ordenado, não participação nas decisões dentro de suas Igrejas, mas, por conta de uma educação patriarcal, androcêntrica, acham normal que seja assim.

Segundo os Evangelhos Canônicos, Miriam de Magdala estava na cena da ressurreição com outras mulheres. Em Mateus, Miriam de Magdala e outras Marias. Em Marcos, Miriam de Magdala, Miriam mãe de Tiago e Salomé. Lucas vai dizer que eram Miriam de Magdala, Joana, Miriam Mãe de Tiago. João apresenta como testemunha da Ressurreição, Miriam de Magdala. O nome desta mulher, Miriam, está ali registrado nos quatro Evangelhos Canônicos. Essa mulher não pode desaparecer como apóstola no discipulado de Jesus. Miriam foi a primeira pessoa a estar com Jesus depois da Ressurreição, antes de qualquer outra pessoa e, apesar disso, não é considerada uma apóstola e discípula de Jesus.

Maria Madalena, como foi chamada na tradução da Bíblia em português, apesar de ser uma mulher de muita importância para o cristianismo, quase não aparece nos textos canônicos. As poucas menções que são feitas aparecem apenas nos evangelhos, sendo no total 12, retirando as repetições. Torna-se muito frustrante o que se encontra sobre essa mulher nesses textos.

A mulher que acompanhou Jesus desde o início de seu ministério, esteve com Ele em todo o tempo no caminho da cruz, falou com Ele depois da ressurreição, antes de qualquer outro discípulo e foi citada apenas 12 vezes nos textos canônicos. O que será que aconteceu para que Miriam de Magdala aparecesse tão discretamente e apenas nos evangelhos? Por que ela não teve importância entre o grupo dos discípulos de Jesus? Ou será que diminuíram o ministério desta mulher por algum motivo? Reconstruir este caminho e resgatar a história procurando as

memórias que foram sepultadas se faz necessário. O presente trabalho tem como objetivo tentar elucidar essas perguntas.

2 A ORIGEM DO CRISTIANISMO

Marca de mito embotável
Mistério que a tudo anuncia
E que se expõe dia-a-dia
Quando deverias estar resguardada
Seu ritus de alegria
Seus véus entrecruzados de velharias
Da inóspita tradição irradias
Mulher!²

O início do cristianismo não foi tão tranquilo como por muitos séculos foi contado. Da morte de Jesus até a redação dos primeiros escritos sobre Ele decorreram cerca de trinta anos. Muitos de seus discípulos e discípulas já haviam morrido e era primordial que as memórias do que havia acontecido naquela região do Império Romano fossem redigidas. Não podiam deixar cair no esquecimento a vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Várias pessoas, por longos períodos, buscaram escrever esses acontecimentos. Com o evento Jesus de Nazaré, o Cristo, muitas comunidades foram se organizando, cada uma do seu jeito característico. Era necessário guardar a memória de Jesus. Era fundamental, para as comunidades cristãs, compreenderem quem era Jesus e o que pregava.

Com certeza a interpretação do evento de Jesus sofreu influência dos vários movimentos filosóficos e religiosos dos primeiros séculos do cristianismo. Esses movimentos deixaram suas marcas no que foi passado adiante da teoria e prática de Jesus, sua doutrina contribuiu para delinear a doutrina cristã. Disputas teológicas surgiram sobre Jesus, compreensões a respeito precisavam ser integradas ou rejeitadas. Dessa forma, foi se firmando a proclamação cristã, compreender o evento Jesus de Nazaré e traçar o seu perfil.

Muitas comunidades cristãs foram surgindo ao longo do caminho, ou seja, várias formas de interpretar o mesmo Jesus. Cada uma dessas interpretações trouxera olhares diferentes do mesmo Jesus. E cada uma dessas comunidades originárias produziu sua própria literatura, com interpretações independentes ou interdependentes, de acordo com cada caso. Jacir Faria Lima nos apresenta uma classificação desses cristianismos originários, segundo a “linha de pensamento e a comunidade ou pessoa que o representa”³.

a) Cristianismo dos ditos de Jesus (Fonte Quelle, Tomé);

² Nascimento. <https://cebi.org.br/direitos-humanos/poesia-sonho-beatriz-nascimento/>

³ FARIAS, Jacir de Freitas. **Origens apócrifas do cristianismo**. Comentários aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. São Paulo: Paulinas, 2003, p.10.

- b) Cristianismo da cura e do caminho (Marcos);
- c) Cristianismo do Jesus Filho de Deus, Messias e seguidor do judaísmo (Mateus);
- d) Cristianismo da salvação para judeus e não judeus (Lucas);
- e) Cristianismo do discurso teológico elaborado e dos sinais (João);
- f) Cristianismo do Jesus histórico e revolucionário (Tiago, Tomé);
- g) Cristianismo do Jesus ressuscitado e glorioso (Paulo);
- h) Cristianismo do Jesus ressuscitado que mora dentro de cada um de nós de forma integrada e que nos convoca a viver e testemunhar... (Maria Madalena);
- i) Cristianismo gnóstico, que mostra Jesus, o ressuscitado que traz a salvação (Tomé, Maria Madalena, Filipe);
- j) Cristianismo da Apostolicidade, que indica a organização comunitária e hierárquica da comunidade para garantir a pregação da Boa-Nova do Evangelho (Atos dos Apóstolos e Cartas de Paulo).⁴

Ildo Bohn Gass, em sua coleção *Uma introdução à Bíblia*, também nos apresenta um relato sobre as diferentes teologias das primeiras comunidades cristãs que fizeram parte da primeira, segunda e terceira geração de cristãos.

- a) Começo da boa-nova de Jesus (Marcos);
- b) Herança das comunidades Paulinas (Paulo);
- c) Fonte Quelle (Os ditos de Jesus);
- d) Comunidades fundadas pelos Apóstolos (Pedro, João e Tiago);
- e) Comunidade que apresenta Jesus como o Salvador do mundo (Lucas);
- f) Cristianismo da Apostolicidade (Atos e Paulo);
- g) Comunidade que apresenta Jesus como o Mestre da Justiça (Mateus);
- h) Comunidade do discípulo Amado (literatura Joanina).⁵

As várias formas de viver os cristianismos vieram para nós como herança, mas o que prevaleceu foi o cristianismo da apostolicidade, este se tornou canônico. Os critérios usados para seleção do cânone do Segundo Testamento foram: proximidade do livro com a época de Jesus; ser escrito por um apóstolo ou seu companheiro; ser usado na maioria das igrejas; refletir o pensamento do cristianismo que se tornou hegemônico. Em 317, após ordenar a queima de todos os livros apócrifos, o bispo de Alexandria, Atanásio, propôs uma lista de livros inspirados contendo os atuais livros da Bíblia Católica. Agostinho de Hipona defendeu, no concílio de Hipona, em 398, a proposta de Atanásio, que acabou sendo aprovada pelos bispos.⁶

2.1 LIVROS CANÔNICOS

⁴ FARIAS, 2003, p.10.

⁵ GASS, Ildo Bohn. *Uma introdução à Bíblia nº8*. As comunidades cristãs a partir da segunda geração CEBI e Paulus 2005.

⁶ FARIAS, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, p.27.

No início do cristianismo, as comunidades não tinham a preocupação se havia livros que podiam ser lidos em suas liturgias e momentos de encontros e outros não. Nem tinham a preocupação ou a pergunta se aquele livro era inspirado ou não. Trebolle Barrera também comenta sobre a construção do cânon bíblico:

No final do século II já estava formado o "núcleo" básico do futuro cânon neotestamentário. Era constituído por quatro evangelhos, treze cartas de Paulo, At, 1Pd e 1Jo. Os padres do final do século II e início do III, assim como o Fragmento Muratoriano, conheciam este corpo de literatura cristã e o citavam como escritura canônica, em pé de igualdade com o AT, até pouco antes as únicas Escrituras dos cristãos. Nos dois séculos seguintes, pouco a pouco, foi havendo um consenso sobre o valor canônico dos demais livros, de modo que nos finais do século IV o cânon neotestamentário adquiria sua forma definitiva. A Carta de Páscoa de Atanásio do ano 367 oferecia uma lista que coincidia basicamente com as transmitidas desde àquela época até hoje.⁷

Existiram várias maneiras de pensar o cristianismo que, para serem aceitas e reconhecidas como canônicas, foram adequadas dentro dos princípios da Apostolicidade.

Os apóstolos foram perseguidos teologicamente e perseguiram pensamentos diferentes no interior das comunidades. A escolha dos fatos a serem escritos está relacionada com a experiência da comunidade que os escreve, após tê-los guardado na memória. [...] A pregação missionária, catequética e litúrgica da paixão e ressurreição motivou a formação dos evangelhos canônicos. [...] Os evangelhos canônicos e as cartas são reflexos claros do cristianismo que se firmou como "verdadeiro". Os evangelhos, sobretudo, ao contar a história de Jesus, quiseram ser uma resposta ao grupo dos que pensavam que a vida terrena de Jesus não contava. E esses se transformaram em verdadeiras obras literárias. E belezas literárias assim tão raras só podiam ser inspiradas por Deus. Os apócrifos, segundo alguns estudiosos, desde o ano 50 da E.C., corriam por fora nessa disputa teológica pelo perfil de Jesus.⁸

A disputa teológica foi vencida por uma corrente de pensamento e foram impostos os critérios que se adequava a esta. O cânon foi formado e tornou-se oficial, mas muitas outras formas de pensar e viver o cristianismo escaparam e ficaram fora do conhecimento cristão. São os chamados livros apócrifos. A seleção dos livros que compõem o cânon bíblico deixou fora uma gama enorme de livros. Temos apócrifos do Primeiro e Segundo Testamento⁹. Em *Apócrifos Aberrantes*, Farias catalogou 52 livros apócrifos do Primeiro Testamento e 88 do Segundo Testamento, um total de 140 livros que não foram considerados inspirados. Alguns

⁷ TREBOLLE, Barreira Julio. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**. Introdução à história da Bíblia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996, p.276.

⁸ FARIAS, 2003, p.11-12.

⁹ FARIAS, 2003, p.12.

deles são mais tardios que vão do II ao VII século da E.C.¹⁰ Ao se referir ao entrelaçamento temporal na produção das obras canônicas e apócrifos:

A discussão das questões relativas ao cânon do NT ficou frequentemente nas mãos dos estudiosos de patrologia, história da teologia e história da Igreja. O biblista ou o teólogo do NT consideravam, em geral, terminada sua tarefa quando, desde a perspectiva histórica, se chegasse ao estudo da última obra incorporada no *corpus* neotestamentário (a segunda Carta de Pedro), ou quando desde o ponto de vista teológico chegassem ao momento crítico da "morte do último apóstolo", momento em que a Escritura cederia lugar para a Tradição da Igreja como a uma nova fonte de revelação. Este hiato temporal entre escritos neotestamentários e escritos dos Padres apostólicos, entre época apostólica e época "subapostólica", é absolutamente artificial, da mesma forma que o corte literário entre literatura canônica e literatura apócrifa.¹¹

O descobrimento de Nag Hammadi trouxe novos interesses pelo cânon do Segundo Testamento, da mesma forma aconteceu com a descoberta de Qumrã, que trouxe também novos interesses pelo cânon do Primeiro Testamento e pela literatura apócrifa. Trebolle admite que "põe-se hoje maior acento na pluralidade e na diversidade de escritos que compõem o NT, tanto em sua estrutura como em sua formação diacrônica e em seu significado teológico"¹².

2.2 APÓCRIFOS

Etimologicamente, apócrifo significa "escondido". O termo já conhecido na época clássica, assume um novo significado para o cristianismo. Sendo utilizado com acepção negativa já no século II da E.C. por atores como Lineu de Lião, que pretende contrapor uma tradição de algum modo pública, disponível para quem quer que seja, as tradições secretas que só cada um dos mestres pode comunicar a seus discípulos.

Neste horizonte difundiram-se diversos usos dos termos "apócrifo" que mantém o significado de escondido e de inautêntico, mas atribuem-nos e distribuem-nos de maneira diferente: apócrifo pode referir-se aos sujeitos e aos processos ocultados na tradição oficial, e, neste sentido, a teóloga Ivana Ceresa afirma que procurou mulheres apócrifas, sepultadas na história, mas cujos traços podem e devem ser recuperados. Maria Zambrano, inverte a questão: usando apócrifo no sentido de inautêntico, afirma que apócrifa é a história oficial, pois deixa para trás pessoas e acontecimentos importantes: A história apócrifa – nem por isso menos certa – que cobre a verdadeira. Porque é a história apócrifa quem asfixia quase que constantemente a verdadeira, a história que a razão filosófica se

¹⁰ FARIAS, 2009, p.36.

¹¹ TREBOLLE, 1996, p.276.

¹² TREBOLLE, 1996, p.275.

preocupa e afadiga em revelar e em estabelecer, e a razão poética em resgatar.¹³

A partir da afirmação acima, é possível refletir sobre as condições das mulheres que estavam no discipulado com Jesus como apóstolas. Este trabalho se propõe a refletir especificamente sobre Miriam de Magdala, mas sabemos que existiram também outras mulheres no movimento com Jesus que, assim como Miriam, tiveram suas histórias e suas memórias apagadas pelo caminho, até desaparecem totalmente da condição de apóstolas. Para essas mulheres, criaram outras imagens, deram-lhes outras “competências”. Suas histórias se tornaram apócrifas. Muito pouco das histórias delas entrou para os livros canônicos.

A história do cristianismo nos revela um contexto de negação e afirmação de fé sobre Jesus. Cada grupo, procurando manter fidelidade aos ensinamentos de Jesus, defendendo seu ponto de vista. No Evangelho de Maria de Magdala 17,9-19, após Madalena dar seu testemunho sobre os ensinamentos de Jesus, “André, então, tomou a palavra e dirigiu-se a seus irmãos: O que pensais vós do que ela acaba de contar? De minha parte, eu não acredito que o Mestre tenha falado assim; este pensamento difere daqueles que nós conhecemos. Pedro ajuntou: será possível que o Mestre tenha conversado assim, com uma mulher, sobre segredos que nós mesmos ignoramos? Devemos mudar nossos hábitos; escutarmos todos esta mulher?” Esse exemplo mostra um testemunho do século II sobre o papel da mulher no cristianismo em relação aos homens.¹⁴

No ano de 1945 foram encontrados no Egito antigos pergaminhos que revelariam o antigo cristianismo. Estes pergaminhos trouxeram para estes tempos respostas para muitas perguntas a respeito das práticas e acolhimento de Jesus, que nos livros canônicos não se encontram, principalmente relacionado à participação das mulheres em seu discipulado.

Em vários desses códices, Mariam de Magdala aparece como personagem falante. Muito têm se debruçado sobre os escritos encontrados. Nag Hammadi trouxe para literatura cristã uma variedade de textos muito diferente daqueles que se encontram na Bíblia. Muitos dos textos encontrados eram desconhecidos, outros sabia-se da existência somente por referências em escritos da antiguidade que sobreviveram, de alguns já se conheciam pequenos enxertos ou cópias com redações pouco ou muito diferenciadas. As origens dos textos encontrados são diversas e muitos foram os caminhos trilhados até a redação, cuja leitura hoje nos é permitida. São pérolas de valor imensurável.

¹³ PERRONI, Marinella Simonelli. **Maria de Magdala, uma genealogia apostólica**. São Paulo: Paulinas, 2017, p.133.

¹⁴ FARIAS, 2009, p.37.

Por causa dessas descobertas, inúmeros são os textos dos primórdios do cristianismo que hoje conhecemos. Por conta desta variedade, o interesse por cada manuscrito é desigual. Alguns já foram bastante estudados, outros precisam de pesquisas mais aprofundadas. Dentre os últimos, encontra-se um papiro com nome de mulher: Evangelho de Miriam. Não somente um novo evangelho, mas um evangelho em nome de uma mulher, que até então era desconhecido. Este evangelho fala da alma, do espírito, do *nous*. É algo novo, que vem pela boca de uma mulher, Miriam de Magdala.

Naquele local encontram-se também outros textos que falam de Míriam de Magdala. São textos mais livres e com menos censura, em alguns casos podem ser mais antigos do que os canônicos. Não são reconhecidos pelas igrejas e foram banidos pelo concílio de Nicéia em 325.

Em o *Apócrifos aberrantes de Faria*, nota-se que havia disputas de poder no início do cristianismo. Somente um tipo de cristianismo se tornou homogêneo, vencedor das disputas teológicas sobre Jesus. As mulheres tiveram suas lideranças ceifadas no final do século II em favor das lideranças masculinas.

Esse fator nos impõe uma leitura de gênero dos apócrifos, de modo que possamos resgatar o papel da Madalena como apóstola do cristianismo e nunca como prostituta. Também a Maria, a mãe de Jesus, é descrita nos apócrifos como a mãe e apostola de seu filho. Essas duas mulheres foram apresentadas historicamente, como modelo de cristãos. Madalena, a prostituta toda impura que se converteu, e Maria, a santa toda pura. Um modelo dependeu da outra para sobreviver.¹⁵

Simonelli nos traz falas importantes para esta questão da Apostolicidade e genealogias.

[...] em Irineu, testemunha e, por sua vez, também colaborador e difusor de uma tradição importante a propósito, este processo acaba de compor a ideia de apostolicidade. Neste sentido, trata-se de uma questão extremamente séria, enquanto compreende também um quadro de escritos públicos e de convicção de base, e só dentro deste paradigma insere figuras que garantam a sua continuidade. mas, como estes homens são considerados em “sucessão apostólica”, o sistema contribuiu também para o estabelecimento de uma ideia de apóstolos, simultaneamente muito estrita e perigosamente muito extensa; de fato é redutora quanto às origens, dado que confirma a identidade entre os “doze” e “apóstolos”, que não é, de maneira nenhuma, comum nos textos “canônicos”. Torna-se, porém, extremamente generosa no que se refere às épocas seguintes: de facto, embora não ouse chamar “apóstolos” aqueles que presidem as igrejas (bispos/presbíteros, na terminologia abertamente presente em Irineu), coloca-os “na sucessão apostólica” e, portanto, contribui para ligar o grupo que exerce a autoridade sobre genealogias autorizadas, e vice-versa.¹⁶

¹⁵ FARIAS, 2009, p.39.

¹⁶ PERRONI, 2017, p.140.

Simonelli nos diz ainda que, nos escritos acolhidos nos cânones, durante o mesmo período acima, os nomes e as qualificações não usaram critérios homogêneos: entre eles estão os doze, chamados “apóstolos” predominantemente na obra de Lucas, e que é o caso emblemático de Paulo, que em nada corresponde aos critérios oferecidos em Atos 1.21-22. Depois outros nomes, presentes por motivos diversos nos escritos: Nicodemos e Tiago, o irmão de Jesus, e todas as mulheres: Marta e Maria de Betânia, Maria de Magdala, Maria mãe de Jesus, Maria de Cléofas. Os evangelhos escolhidos nas igrejas como canônicos, só no caso de Mateus corresponde diretamente a um nome de um dos doze, de que não fazem parte nem de Marcos nem de Lucas, enquanto é tradição que liga de maneira consistente o Quarto Evangelho a João¹⁷.

Se, nos textos, encontram-se ecos de frases diversificadas, a leitura que deles se faz é posteriormente orientada e seletiva: observamos uma figura central como a de Cefas/Pedro, desde o princípio até hoje, principalmente no Ocidente e na versão católica, evidencia em especial passagens em que ele está à frente, sempre como protagonista. Em Marcos 8.29, Mateus 16.16-18 e Lucas 24.34 deixando sempre para segundo plano os trechos quando ele aparece como aquele que não compreende ou nega Jesus. Quando aparecem estes textos, ainda vem mostrando sua capacidade de arrependimento. O processo é totalmente inverso do que acontece com Marta e Miriam de Magdala, diz Simonelli: “Tudo o que Ihes diz respeito sai do plano da instituição e da autoridade e torna-se um fato moral ou espiritual ou simbólico”¹⁸.

No século V, o Papa Leão, em contraste com o cânon 28 de Calcedônia, avança na memória apostólica inclusive Petrino-Paulino como lugar de atribuição de autoridade e credibilidade daquela igreja, e no século III da E.C. se percebia claramente a prevalência da memória de Pedro sobre Paulo.

Para as personagens mulheres que aparecem na Bíblia, aparecem dinâmicas semelhantes, com características peculiares. As mulheres citadas nos escritos canônicos, além de Maria a mãe, aparecem Marta e Maria de Betânia, Maria de Magdala. Na antiguidade, não se atribuem a Marta genealogias específicas, não obstante o relevo de sua figura e de sua profissão de fé; Maria Madalena e o seu papel na Ressurreição dão origem a uma leitura específica que, no entanto, permanece predominantemente confinada a alguns contextos, enquanto noutros escritos, com uma dinâmica transversal a várias línguas e contextos, é substituída, com a cumplicidade

¹⁷ PERRONI, 2017, p.141.

¹⁸ PERRONI, 2017, p.142.

da homonomia, pela mãe (de Jesus). Em escrito com esta particular forma de remoção se tinha apoiado, por exemplo, uma meditação de João Paulo II, há já alguns anos, que não deixou de suscitar espanto.¹⁹

Muitas mulheres nem tiveram a sorte de ter mencionado os seus nomes, outras foram citadas nos livros canônicos, mas não se fala em suas genealogias, como, por exemplo, Priscila e seu marido Áquila, e Júnica e Andrônico. Também Febe, “*diakonos*” da igreja de Cencre em Corinto, entra na tipologia das figuras diaconais femininas somente no Eucolégio Barberini (século VIII) e está ausente no rito de ordenação das diaconisas das constituições apostólicas (século IV).

No início do século III, um dos escritos de Tertuliano, redigido em Cartago, mostra que algumas mulheres cartaginesas se basearam na autoridade de Tecla para legitimar suas ações. No lugar onde se encontra o túmulo de Tecla, em Selêucia, no local da memória também se encontrava uma comunidade monástica mista de homens e mulheres, coordenada por uma mulher diaconisa Martana.

Mas a insolência (*petulância*) daquela mulher, que já usurpou o direito de ensinar (*quae usurpavit docere*), não chegará a arrogar-se também o de batizar, a não ser que surjam outras bestas semelhantes à primeira: assim, como queria eliminar o Batismo, outra poderia pretender administrá-lo a si mesma! Mas se estas mulheres, baseando-se nos Atos atribuídos erroneamente a Paulo, recordam o exemplo de Tecla para defender o direito das mulheres de ensinar e batizar, sabemos que, na Ásia, o presbítero que compôs este escrito, pensando em acrescentar alguma coisa de seu à fama de Paulo, uma vez descoberto, declarou que tinha agido por amor a Paulo, e foi, de qualquer modo, deposto de seu cargo (Tertuliano, **O Batismo**, 17,4-5).²⁰

As mulheres de Cartago que se referiam a Tecla teriam encontrado em Miriam de Magdala uma figura de evangelização, forte como Tecla, mas somente encontramos nos Atos Gregos de Felipe e depois em algumas recuperações medievais. O problema é a heterogênea difusão dos escritos canônicos e da recepção especial feita à obra Joanina no conjunto e às dinâmicas de gênero que envolvem concessão da sexualidade e as atribuições de papéis.

Ler os apócrifos não é estudar uma literatura ultrapassada, mas sim procurar os episódios da vida de várias comunidades que se referiam a eles. Também haverá uma comunidade, Igreja de Miriam de Magdala? As pesquisas feitas indicam que sim, embora sua autoridade e prestígio permaneçam às margens na exclusão. As mulheres tiveram um papel fundamental na formação das primeiras comunidades e assumiram a função de lideranças no primeiro século do cristianismo. São elas

¹⁹ PERRONI, 2017, p.145.

²⁰ PERRONI, 2017, p.146.

apóstolas, profetisas, mestras e diaconisas. Encontramos referências de muitas delas nestas funções nas falas de Paulo.

No primeiro século o cristianismo foi marcado pela pregação fervorosa em Jesus. O grupo de discípulos e discípulas de Jesus saem pelo mundo a fora pregando, anunciando a ressurreição do Mestre, Jesus de Nazaré. Aqueles homens e mulheres, mais do que entender a mensagem do Mestre, acreditavam que Ele era o messias prometido e esperado, que veio para salvar a humanidade. Jacir Farias nos diz que os cristianismos apócrifos do primeiro século têm quatro tendências:

1º) Cristianismo revolucionário. Jesus é um revolucionário que lutou e convocou seus seguidores a resistirem o império Romano. Roma das atrocidades impedia o crescimento do Reino, expulsava os lavradores de suas terras.

2º) Cristianismo da terceira via ou raça. Deus deve ser honrado não de maneira dos gregos e judeus. O Cristianismo é uma terceira raça, não judeu, nem grego. Ele é diferente.

3º) Cristianismo da sucessão Apostólica. Jesus ressuscitado justifica e escolhe 12 homens dignos do apostolado. Essa posição apócrifa confirma ou complementa a tendência do cristianismo, que se tornaria hegemônico, de compreender que as lideranças apostólicas eram somente homens não mulheres. Os bispos devem ser escolhidos na linha sucessória apostólica, de modo que tenham autoridade divina.

4º) Cristianismo da fé em Jesus que salva e perdoa. A fé em Jesus que salva e o reconhecimento de Deus perdoa pecados. O judeu que se arrepende e acreditar em Deus, pelo nome de Jesus, terá os seus pecados perdoados.²¹

No segundo século, o Cristianismo apostólico passou a ser a única opção. Os pais da igreja daquele período passam a defender aquela forma de cristianismo como possibilidade única. Neste século, só aparecem os homens, chamados pais da Igreja.

²¹ FARIAS, 2009, p.62.

3. A DISCÍPULA E APÓSTOLA QUE NÃO FOI RECONHECIDA

Há corte e cortes profundos
Em sua pele em seu pelo
Há sulcos em sua face
Que são caminhos do mundo
São mapas indecifráveis
Em cartografia antiga
Precisas de um pirata
De boa pirataria
Que te arranques da selvageria
E te coloque, mais uma vez,
Diante do mundo
Mulher²².

Este capítulo tem por objetivo refletir sobre o que os textos Canônicos falam sobre as mulheres, contudo mais especificamente, sobre Miriam de Magdala.

Os evangelhos canônicos mencionam Miriam de Magdala explicitamente 12 vezes, sempre com a mesma forma gramatical: nome guarnecido com artigo definido, “a Magdala”. Apenas uma vez, em Lucas é nomeado como um sobrenome: *ἡ καλουμένη Μαγδαλα*. Em nenhum outro Livro do Segundo Testamento são feitas outras referências a esta mulher. Embora esta referência seja bem menor que as feitas a Pedro (94 vezes), ela é a mulher que mais vezes é mencionada, depois de Miriam, a mãe de Jesus, que aparece 18 vezes. Miriam de Magdala, mulher de muita importância, aparece em Mt 27,56; Mt 27,61; Mt 28,1; Mc 15,40; Mc 15,47; Mc 16,1; Mc 16,9; Lc 8,2; Lc 24,10; Jo 19,25; Jo 20,1; Jo 20,11-18. Das 12 citações que foram apresentadas sobre ela, 11 estão relacionadas com os eventos da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Somente em Lc 8,1-3 ela é apresentada em outro contexto, como uma seguidora de Jesus (juntamente com algumas mulheres e os 12 discípulos) que, anteriormente, fora possuída por sete demônios e curada por Jesus.

Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens. (Lucas 8.1-3)²³

Na força da presença destas mulheres como discípulas de Jesus, Miriam de Magdala e as outras, os textos canônicos vão apresentando estas mulheres no processo da Crucifixão, como se fossem as únicas capazes de suportar o que ali

²² NASCIMENTO. <https://cebi.org.br/direitos-humanos/poesia-sonho-beatriz-nascimento/>

²³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, P.1801.

estava acontecendo. Aparecem claramente as referências dos capítulos e versículos em que Miriam de Magdala é citada nos textos canônicos como testemunha ocular da Crucifixão. A presença de Miriam de Magdala está ali, historicamente nos quatro Evangelhos canônicos.

Traremos seguir, os textos canônicos que narram a presença das mulheres. Essas mulheres vêm desde o início da missão na Galileia e não abandonaram Jesus. Mesmo nos momentos mais críticos da prisão e do caminho do calvário, elas continuavam fazendo a caminhada com ele, de longe, mas observando, enquanto muitos de seus companheiros se afastaram com medo. De fato, era muito arriscado estar acompanhando, pois se fossem descobertas como parte do grupo de Jesus, também poderiam ser violentadas. Os romanos não perdoavam quem auxiliava um crucificado. Mesmo assim, elas continuavam lá. Talvez com muito medo, porém o compromisso com o amigo e a certeza de que suas presenças ajudariam aliviar a dor desafiaram seus medos e, assim, não desistiram diante daquela situação. Pelo fato de seu nome estar listado nos Evangelhos, Miriam de Magdala estava sempre presente. Faremos este caminho pela Bíblia de Jerusalém, iniciando com a Paixão.

E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria Magdala, Maria, mãe de Tiago o menor, e de Joset e Salomé. Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galileia. E ainda muitas outras mulheres que subiram com ele para Jerusalém. (Mc 15,40-41).²⁴

Estavam ali muitas mulheres, olhando de longe. Havia acompanhado Jesus desde a Galileia, a servi-lo. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. (Mt 27,55– 56).²⁵

Todos os amigos, bem como as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galileia, permaneciam à distância, observando essas coisas. (Lc 23.49).²⁶

Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: "Mulher, eis o teu filho!" Depois disse ao discípulo: "Eis a tua mãe!" E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa. (Jo 19,25-27).²⁷

Lucas traz variantes bem significativas, não nomeia Miriam de Magdala junto da cruz, só no sepultamento e depois no túmulo vazio.

Os relatos pré-marcados da paixão, a recordação da presença de algumas mulheres junto da cruz e durante a sepultura pertence a mais antiga tradição sobre Jesus. Três (ou quatro) delas eram consideradas discípulas de Jesus, que tinham seguido desde o início da missão na Galileia até o fim trágico em Jerusalém. A frente estava Maria de Magdala.²⁸

²⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1781.

²⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1756.

²⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1832.

²⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1891.

²⁸ PERRONI, 2017, p.75.

Os quatro Evangelhos também narram o sepultamento de Jesus. José de Arimatéia e Miriam de Magdala são as personagens principais. José recolhe o corpo físico de Jesus para sepultá-lo e Maria de Magdala quer prepará-lo de acordo com as tradições judaicas.

José de Arimatéia, membro do sinédrio e seguidor de Jesus, reclama o corpo, envolve-o em um lençol e o coloca em um túmulo talhado na rocha, lacrando-o com uma pedra. Maria Madalena e Maria, mãe de Joset, observam onde ele fora posto. (Mc 15,47).²⁹

José de Arimatéia, um homem rico, e seguidor de Jesus, reclama o corpo envolve-o em um lençol e o coloca em um túmulo seu talhado na rocha, lacrando-o com uma pedra. Ora, Maria Madalena e a outra Maria estavam ali sentadas em frente ao sepulcro. (Mt 27.61)³⁰

José de Arimatéia, membro do sinédrio e seguidor de Jesus, reclama o corpo, envolve-o em um lençol e o coloca em um túmulo talhado na rocha, lacrando-o com uma pedra. As mulheres, porém, que vieram da Galileia com Jesus, haviam seguido a José; observaram o túmulo e como o corpo de Jesus fora ali depositado. (Lc 23.55)³¹

Havia um jardim, no lugar onde ele fora crucificado e no jardim, um sepulcro novo, no qual ninguém fora ainda colocado. Ali, então, por causa da preparação dos judeus e porque o sepulcro estava próximo, eles puseram Jesus. (Jo 19.41-42)³²

Miriam de Magdala tem sua presença explicitada nos relatos da Paixão e, por isso, a sua recordação pertence à mais antiga história de Jesus, o Nazareno, aquela, que, logo após os fatos, tinha traduzido a memória dos trágicos acontecimentos pascais em um anúncio de salvação. Miriam e as outras mulheres são personagens fundamentais na cena da Paixão, a ponto de não conseguirem deixá-las de fora ao anunciar o valor salvífico. O nome da mulher que mais aparece nos textos canônicos é o de Miriam de Magdala. Portanto, ninguém pode duvidar que esta mulher era conhecida como Miriam de Magdala, e este nome evoca uma personagem de respeito e de muita influência, sem ela não se pode falar da Cruz nem da Ressurreição³³.

Cada evangelista, em seus relatos, descreve a cena daquele domingo pela manhã: as mulheres ou a mulher foi ao túmulo para cuidar do corpo de Jesus, elas ou ela não sabia que Jesus havia ressuscitado.

Passado o Sábado, Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir ungir o corpo”. De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram vão ao túmulo ao nascer do sol. E diziam entre si: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” E erguendo os

²⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1783.

³⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1756.

³¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1832.

³² BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1892.

³³ PERRONI, 2017, p.40.

olhos, viram que a pedra já fora removida. Ora, a pedra era muito grande. Tendo entrado no túmulo, elas viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto. Ele, porém, lhes disse: "Não vos espanteis! Procurais Jesus de Nazaré, O Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer aos discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito." Elas saíram e fugiram do túmulo, pois um temor e um estupor se apossaram delas. E nada contaram a ninguém, pois tinham medo... Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria de Magdala, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi anunciá-lo àqueles que haviam estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam. (Mc 16.1-9).³⁴

Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto: pois o Anjo do Senhor, descendo dos céus, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela. O seu aspecto era como o do relâmpago e sua roupa, alva como a neve. Os guardas tremeram de medo dele e ficaram como mortos. Mas o Anjo, dirigindo-se às mulheres, disse lhes: "Não temais! Sei que estais procurando Jesus, o crucificado. Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito. Vinde ver o lugar onde ele jazia, e, de pressa, ide dizer aos seus discípulos: 'Ele ressuscitou de entre os mortos, e eis que vos precede na Galileia; é lá que o vereis' (Mt 28.1-7b). E eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: "Alegrai-vos". Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele. Então Jesus disse: "Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galileia; lá me verão". (Mt 28.9).³⁵

No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida, mas, ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu que, estando perplexas com isso, dois homens se postaram diante delas, com veste fulgurante (Lc 24.1-4). Ao voltarem do túmulo, anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros. Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. As outras mulheres que estavam com elas disseram-no também aos Apóstolos; essas palavras, porém, lhes pareceram desvario, e não lhes deram crédito. (Lc 24.9-11)³⁶

No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e, vê que a pedra fora retirada do sepulcro. Corre então e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava, e lhes diz: "Retiraram o senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram" (Jo 20.1-2). Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro, e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés. Disseram-lhe então: "Mulher, por que choras?" Ela lhes diz: "Porque levaram meu Senhor e não sei onde o puseram!" Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. Jesus lhe diz: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" Pensando ser ele o jardineiro, ela lhe diz: "Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar!" Diz-lhe Jesus: "Maria!" Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: "Rabbuni!", que quer dizer "Mestre". Jesus lhe diz: "Não me toques, pois, ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus". Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: "Vi o Senhor", e as coisas que ele lhe disse. (Jo 20.11-18)³⁷

³⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1784.

³⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1757.

³⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1832.

³⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1892.

Nos quatro evangelhos canônicos, a Cena da Ressurreição é muito similar, somente com algumas variantes: Anjos (um ou dois), roupas resplandecentes, alvas, túmulo vazio e Jesus não está mais ali. As mulheres são enviadas a anunciar a Ressurreição. São as mulheres que contam a Boa Notícia.

No evangelho de Lucas, apenas Pedro vai até o sepulcro, fica surpreso. No evangelho de João, Maria vai até Pedro e João para contar que o corpo de Jesus desapareceu. Os dois encontram o túmulo vazio, e apenas João tem a certeza de que o Cristo ressuscitou dos mortos, cumprindo o que havia falado, mas retorna para casa. Nos evangelhos sinóticos, podemos notar a liderança que Miriam de Magdala tem sobre as demais mulheres e o fato de elas serem as que transmitem a Boa-Nova (Evangelho) aos demais discípulos que se tornaram os apóstolos do Cristo. Marcos, Mateus e João têm em comum o fato de que Jesus aparece a Maria Madalena após a Ressurreição, sendo que em Mateus está presente também Maria, mãe de Tiago. O encontro de Jesus com Miriam de Magdala, no Evangelho de João, será analisado com mais profundidade, mais adiante.

3.1 OS EVANGELHOS SINÓTICOS

3.1.1 Marcos

O Evangelho de Marcos buscava animar as comunidades da Galileia manter-se firme na fé mesmo diante das perseguições e perseverarem na prática de Jesus. Em Marcos, as mulheres que vêm da Galileia e estão juntas à Cruz e durante o sepultamento, são intimamente ligadas a um capítulo importante da teologia do discipulado, onde o tema do seguimento, do serviço e da Cruz se entrelaçam e estão em perfeita continuidade com as palavras e ensinamentos de Jesus. Marcos garante um grande ponto de partida para os evangelhos sinóticos. Mateus e Lucas foram buscar na narrativa de Marcos, ou quem sabe em uma fonte ainda mais antiga dos três.

No Evangelho de Marcos, não há muitas personagens que sejam chamadas pelo nome. Aparecem os discípulos e Miriam de Magdala que é nomeada por três vezes, todas no relato da paixão. Sob a Cruz (Mc 15.40), quando do sepultamento (Mc 15.47) e diante do túmulo vazio na manhã da Páscoa (Mc 16.1). Além disso, no chamado “Segundo Final de Marcos” (Mc 16.9-20), algumas pessoas estudiosas em

Bíblia dizem ser um acréscimo posterior ao trecho autêntico do Evangelho (Mc 16.1-8), o seu nome aparece novamente, juntando-se a redação algumas especificações: Miriam de Magdala é aquela de quem, como em Lucas (8.2), tinham saído sete demônios; como em João (20,11-18), foi quem primeiro viu Jesus Ressuscitado, mas em Lucas (24.10) os discípulos não dão créditos. Isso reforça que o texto que hoje conclui o Evangelho de Marcos foi redigido posteriormente, podendo englobar outras tradições que haviam se difundido.

3.1.2 Mateus

Mateus nomeia três vezes Miriam de Magdala: junto à cruz (Mt 27.55-56), no sepultamento (Mt 27.61) e junto do sepulcro na manhã da Páscoa (Mt 28.1) (como em Marcos (Mc 15.40s). No livro de Mateus, aparecem variantes não somente no nome, mas também no número de discípulas. Na crucifixão, não fica claro se são três ou quatro, nesse caso se Miriam, a esposa de Tiago, é a mesma personagem ou não da mãe de Joset. No sepultamento e junto ao túmulo vazio são duas. Mateus também nomeia as três mulheres junto ao grupo que analisa de longe, porém não traz os detalhes que Marcos apresenta. Essas mulheres aparecem em Mateus, mas não traz referência da subida de Jesus da Galileia para Jerusalém. Aqui as mulheres aparecem mais como acompanhadoras do que discípulas.

Será possível que já muito cedo a tradição sobre Maria de Magdala e as outras discípulas da galileia tenha começado a perder o valor que tinha no início? E a comunidade discipular de homens e mulheres a volta de Jesus terá perdido valor para Mateus e para sua comunidade? Trata -se de uma suspeita que Lucas contrariando as aparências reforçará.³⁸

3.1.3 Lucas

Em Lucas, a crucifixão é um “espetáculo” para quem assiste, a multidão (Lc 23.48), independente do sentimento de quem ali está. Tudo indica que Lucas queria chamar a atenção, não só dos cristãos da segunda geração, a quem seu Evangelho é dirigido, mas, implicitamente, de quem está longe. Parece que Lucas queria dar uma leitura simbólica de um testemunho histórico sobre a vida e morte de Jesus, mostrar que o Evangelho é para todos.

³⁸ PERRONI, 2017, p.69.

Lucas fala de um grupo amplo de “conhecidos” que seguia Jesus e de mulheres, sem mencionar nomes. Não tem referência do porquê, o autor não dá características a este grupo, é possível que até os 12 apóstolos possam fazer parte deste grupo, pois Lucas não relata a fuga dos discípulos quando da prisão e crucifixão de Jesus. Miriam de Magdala e as outras mulheres não são referência de serviço no evangelho de Lucas. Desaparecem os motivos da subida delas com Jesus para Jerusalém, elas vão aparecer apenas como acompanhadoras.

Quando se trata exclusivamente do discipulado das mulheres, Lucas preferirá não recorrer a uma terminologia densa, escolhendo formulações preferencialmente genéricas e não significativas, diluindo assim o seu protagonismo numa grande cena de massa, e preferindo até não as nomear?³⁹

A resposta a esta interrogação, segundo estudiosos em Bíblia, consiste no fato de Lucas já ter nomeado anteriormente o discipulado das mulheres na missão de Jesus na Galileia (Lc 8.1-3). Alguns estudiosos em Bíblia estão convencidos, a partir deste texto, que Lucas tem atenção especial às mulheres. Em quantidade sim, são citadas mais mulheres em seu texto, quando se compara com os outros evangelistas. Entretanto, em uma busca com análise atenta, percebe-se que há um desejo de exclusão das mulheres como apóstolas.

Para Lucas, a cura nunca tem valor de chamada para o discipulado e para seguir Jesus. No caso do leproso (Lc 5.12ss) e do paralítico (Lc 5.17ss), estes regressam às suas vidas anteriores depois que foram curados, seguindo o conselho de Jesus. Em Lucas (Lc 8.38-39), Jesus proíbe o endemoniado de Gerasa que o siga. Diante dessas ações de Jesus fica inteiramente destituída e sem fundamento a convicção de que o seguimento das mulheres teria se dado pelo reconhecimento de gratidão a Jesus pela cura.

Todavia, não custa muito compreender por que é que tanto se insiste no tema de gratidão: quando se trata de mulheres, é sempre cômodo usar os registros sentimentais. É muito provável que Lucas tenha recebido da tradição a notícia sobre Maria “da qual tinha saído sete demônios”, como é bem provável que essa mulher de Magdala tenha tido uma doença psíquica. Contudo também é ainda possível que, se ela seguiu Jesus desde o tempo do seu ministério Galilaico até o momento da crucifixão, o fez não porque era *πάρουστρς* (Louca), como pretendeu uma certa propaganda anticristã mais tardia, mas porque reconheceu que no anúncio do Reino feito pelo Nazareno encontrava finalmente resposta para a sua ânsia messiânica e se cumpria a sua expectativa e esperança escatológicas.⁴⁰

³⁹ PERRONI, 2017, p.71.

⁴⁰ PERRONI, 2017, p.75.

3.2 EVANGELHO DE JOÃO

O evangelho de João deve ter ficado pronto por volta do ano 100 E.C. Este Evangelho também é conhecido como o Evangelho do Discípulo Amado. Entre a Ressurreição de Jesus e a confecção deste Evangelho devem ter se passado mais ou menos uns setenta anos. Muitas coisas já haviam acontecido na maneira de viver a fé em Jesus Cristo. A tradição oral em torno deste discípulo, que por vezes aparece como discípulo amado (Jo 13.23,18.15, 19.26, 20.2,8, 21.7,20,24), é identificado por uma linha da tradição posterior como o Apóstolo João⁴¹.

A comunidade deste discípulo vivia na Palestina, provavelmente na Galileia. Este Evangelho aparenta não ser fruto do esforço de uma única pessoa isolada, por trás deste Evangelho está uma comunidade que nasceu na simplicidade. Estar em comunhão, Permanecer ou habitar em Deus, é um dos grandes dons que o Jesus joanino dá aqueles que creem⁴²

traz uma forte experiência de liderança das mulheres. Uma das mulheres que estão na origem desta comunidade é Miriam de Magdala, que sofreu forte descriminalização na Igreja ocidental. Antes da discriminação do Ocidente, o Evangelho de Lucas já a considera como pecadora (Lc 8.2).

Analisando o Evangelho de João, percebe-se que ele tem a tendência de concentrar suas narrativas em torno de personagens individuais, com uma densidade teológica. O autor faz isso no relato do túmulo vazio e com Miriam de Magdala, que ele apresenta como destinatária da aparição do ressuscitado. O quarto Evangelho traz uma atenção especial e faz forte referência à antiga tradição sobre a presença das discípulas de Jesus na crucificação.

Na realidade, no relato apenas restou a menção nominal de Maria de Magdala, também para ele, as mulheres junto à Cruz são três e limita-se a enumerá-las. Mas são completamente diferentes das dos sinóticos. Em primeiro lugar, “a mãe de Jesus”, de quem João nunca cita o nome próprio, Maria, sempre a chamou com apelativo de “sua mãe” (Jo 2.1) e a quem Jesus se dirige como apóstrofe” *γυναίκα* “mulher”. Maria de Clopas, irmã de sua mãe e, no fim, Maria de Magdala.⁴³

No quarto Evangelho, a tradição sobre Maria de Magdala é confirmada, porém, João já não se interessa mais pelo grupo das discípulas da Galileia. Neste Evangelho, a Cruz é o lugar em que a nova comunidade nasce sobre os alicerces da

⁴¹ GASS, nº 8. 2005, p.46.

⁴² BROWN, Raymond Edward. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulinas, 1983.

⁴³ PERRONI, 2017, p.77.

exaltação de Jesus na Cruz. Junto com as mulheres, aparece mais um personagem “o discípulo que ele amava”, esse discípulo desempenha uma função de relevância em toda narração do Evangelho de João, sobre a narrativa da paixão (Jo 13.23 e 18.15).

De Maria de Magda não se diz absolutamente nada e, à primeira vista, parece que o interesse do Evangelho de João por ela, junto à cruz, não vai além da menção nominal, em continuidade com a tradição primitiva. Esta leitura extremamente minimalista, opõe-se à opinião de alguns exegetas que, sustentam a identificação de Maria de Magdala com o “discípulo que Ele amava”, é crucial, à volta de cujo testemunho, com autoridade, se foi desenvolvendo a tradição que está na origem do quarto Evangelho.⁴⁴

Mesmo não estando no grupo dos doze, este evangelista teve uma relação muito próxima e pessoal com Jesus e transmitiu a memória do papel que o quarto evangelista atribuirá a Maria, logo após o relato da aparição de Jesus, a hipótese de que “o discípulo que Jesus amava” possa ser Miriam de Magdala, tem relevância.

Outro tema chama a atenção neste Evangelho: por que esse evangelista entrega o filho à mãe e dá a mãe a um filho na cena da Cruz?

Esta imagem tem um caráter simbólico com um alto sentido teológico de cada uma das cenas. Não parece uma cena puramente sentimental, como geralmente afirma-se, excluindo o primeiro episódio da missão de Jesus, em Caná da Galileia, no quarto Evangelho nunca mais aparece nenhuma referência a uma relação afetiva, entre Jesus e sua mãe.⁴⁵

Duas questões aparecem que levam a refletir, a) O evangelista vai dizer que *ἀπ' ἐκείνης τῆς ὥρας* “desde aquela hora” o discípulo tomou-a “consigo”, usando duas expressões que, no resto do evangelho tem um peso teológico relevante, “a hora de Jesus”, sua manifestação e glorificação; b) no prólogo do grupo *εἰς τὰ ἴδια* é traduzido por (entre os seus) indicando o verbo, bem como na rejeição do povo, e na revelação do povo hebreu (Jo 1.11). Não seria possível que, no momento da cruz, o grupo iria perder o sentido teológico, para dar relevância à relação de Jesus com sua mãe, preocupando-se com quem ela iria morar, como se até o momento Ele teria morado com ela.

Aqui é preciso lembrar que em várias apresentações das mulheres nos evangelhos, o fazem em termos apologéticos ou remetem a contextos afetivos ou domésticos. A partir do século IV, no surgimento da exaltação da figura de Maria, começam a aparecer outras possibilidades. Ver a mãe junto da cruz é símbolo da Igreja. A alternativa entre o lar doméstico e o trono celeste parece destoar da

⁴⁴ PERRONI, 2017, p.78.

⁴⁵ PERRONI, 2017, p.79.

narrativa, e da teologia do quarto Evangelho. As duas possibilidades arrancam Maria do seu papel na narrativa: marcar o início e o fechamento da “hora” de Jesus, e representar a continuidade entre o Israel pré e pós-Pascal.

No relato da presença dos dois discípulos junto à cruz com a mãe, o evangelista quis ir muito além do sentimento filial e pretendeu indicar que as comunidades que vêm do judaísmo creem na ressurreição e estão em continuidade com o Jesus da História, e juntos estão com o Israel da promessa, e ao mesmo tempo com o Verbo Encarnado. João quer indicar para a comunidade o momento ideal de sua origem, junto à cruz, quando Jesus, com autoridade, estabelece a entrega recíproca entre a sua mãe e “o discípulo que Ele amava”, entre a mãe do Messias e os novos filhos que “não nasceram de laços de sangue, nem do impulso da carne, nem dá vontade de um homem, mas dá vontade de Deus” (Jo 1.13). Foi só depois deste momento que aqueles que creem nele receberão o título de “irmãos” (Jo 20.17).

O “discípulo que Ele amava” recebe aos pés da cruz à investidura forte: a entrega entre a mãe e o discípulo, a legitimidade, o testemunho do “discípulo que Jesus amava”. Aquele que não fazia parte do grupo dos doze, esteve presente na última ceia e aos pés da cruz, guardou e transmitiu uma tradição autêntica sobre Jesus⁴⁶.

Maria de Magdala, de quem o Evangelho nunca havia falado, entra em cena, neste momento junto à cruz, como a tradição tinha transmitido. No entanto, ela é testemunha da cena da “entrega” a partir da qual tem início a vida da comunidade daqueles que creem no Ressuscitado, e será investida pelo próprio Ressuscitado⁴⁷.

3.3 A COMUNIDADE DO DIREITO À VIDA

A Palestina no tempo das comunidades Joaninas, em que o Evangelho de João foi escrito, estava sob o domínio político de Roma. O Império Romano era quem determinava o aspecto político, econômico e o ideológico da toda região. O exército era o poder romano que colocava ordem em todas as situações. O chefe do exército era César, figura divinizada, símbolo ideológico do Império Romano. O interesse do Império nessas regiões conquistadas era cobrar taxas, recolher tributos,

⁴⁶ PERRONI, 2017, p.80.

⁴⁷ PERRONI, 2017, p.81.

impor o culto ao imperador e às divindades imperiais. O povo vivia escravizado para manter o luxo do império ou a “paz romana”⁴⁸.

O império romano explorava de todas as formas a base da sociedade. As questões sociais daquela época levaram as comunidades que deram base a este Evangelho a valorizar, aprofundar e defender a vida. Isto transparece em todo o Evangelho, a palavra vida aparece 36 vezes. Se compararmos com os outros três Evangelhos, Mateus aparece sete vezes, Lucas, cinco, e Marcos, quatro vezes.

Em João, Jesus se define como vida, João 11.25, 14.6, 10.10, 6.51, 6.40, 5.40, 1.4, 20.31. No final, o autor de João indica claramente seu objetivo. Por mais de 70 vezes, o Evangelho usa a palavra mundo e esta tem diversos sentidos. Pode ser uma referência ao mundo físico (Jo 17.5,24), a toda humanidade (Jo 93.16-17; 8.12) ou a um grupo humano (Jo 12.19). Ao se referir ao mundo, a comunidade Joanina também está fazendo críticas às autoridades judaicas e romanas. Esse conflito é travado com toda estrutura social e religiosa excludente do judaísmo e dos romanos: Jo 8.23; 11.48;14.27; 15.18-16.4a; 17.6,14,16,16; 18.36⁴⁹.

Sobre conflitos na comunidade, o Evangelho de João critica pessoas da própria comunidade que não assumiam publicamente sua fé em Cristo, aparecem nas citações Jo 3.23-25; 6.60-66; 7.5,13; 12.42-43. É também o caso de Nicodemos (3.1-21,19,39) e José de Arimatéia (19.38-42). A insistência de Jesus na unidade é sinal de que havia divisões na comunidade (Jo 17.11, 20-23).

Com respeito a conflito com outras comunidades, o Evangelho de João insiste entre os discípulos de João Batista para que se integrem a suas comunidades, por outro lado desqualifica João Batista: “Ele não é Luz, somente dá testemunho da Luz” (Jo 1.7-8). Outro conflito que aparece é a relação com a igreja de Jerusalém. A comunidade Joanina percebe que, em Jerusalém, comunidades coordenadas por Pedro e familiares de Jesus, são apegadas ao poder e tem uma fé insuficiente. João faz críticas às autoridades apostólicas de Jerusalém representadas por Pedro. A narrativa na disputa das comunidades Petrina com as comunidades Joaninas aparecem em Jo 1.35-42; 21.19; 21.15-17; 13.1-17; 13.23-

⁴⁸ GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia nº 7**. As comunidades cristãs a partir da primeira geração CEBI e Paulus, 2005, p.50.

⁴⁹ GASS, 2005, p.48.

26; 18.10-11; 18.15-16; 18.17-27; 19;25-27; 19.35,21-24; 20.1-10; 21.1-7; 21.15-19⁵⁰.

No tempo em que foi escrito o Evangelho de João, como citado, havia muita exclusão, principalmente na participação política, social e religiosa. Entre as pessoas mais excluídas estavam os escravos, estrangeiros e as mulheres de um modo geral. Dentro do contexto da época, as mulheres criaram um espaço de uma significativa importância dentro das comunidades cristãs. Elas estavam em igual condição dentro das comunidades Joaninas⁵¹.

O que Jesus tinha praticado em sua ação e ensino por um certo tempo foi se desenvolvendo nas comunidades (João 2. 1-12; 4.1-42; 11.4-5,17-32; 12.1-8; 20;1-18) e estas foram resistentes e mantiveram o espaço para a participação das mulheres, garantindo a autoridade apostólica e ministerial. No centro do Evangelho de João está a confissão messiânica de Marta (Jo 11.27). Esta confissão de fé indica que nas comunidades de João uma mulher assumia o serviço e o trabalho na comunidade⁵².

Marinella Perrone nos diz que há uma evidência muito forte da atenção dada na ação das mulheres no Evangelho do Discípulo amado.

Torna-se evidente a atenção que a tradição representada pelo “discípulo Amado” dá às mulheres que creem em Jesus. Trata-se de uma atenção fortemente caracterizada em sentido teológico: como a Samaritana (4.5-42) e Marta (11.17-27). Também Maria de Magdala intervém dialeticamente no desenvolvimento de uma relação decisiva doutrinal feita por Jesus.⁵³

⁵⁰ GASS, 2005, p.48.

⁵¹ GASS, 2005, p.44.

⁵² MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes; OROFINO, Francisco. RX da vida, evangelho de João. **PNV**, São Leopoldo, n. 147/148, p. 16, 2000, p.16

⁵³ PERRONI, 2017, p.114.

4 O ENCONTRO DE MIRIAM DE MAGDALA COM JESUS

Era o que eu tinha para lhe oferecer
A minha vida e todo meu ser!
Se me roubaram o sonho maior
Me diz: Como eu irei ser feliz?⁵⁴

Neste capítulo, será apresentada uma análise do encontro de Miriam de Magdala com Jesus, no dia da Ressurreição conforme o texto joanino, o que isso representou naquele momento e o que representa hoje. Miriam de Magdala, que acompanhou Jesus durante toda sua caminhada junto com outras mulheres, incluindo a mãe de Jesus e os discípulos homens, não foi reconhecida canonicamente como discípula e apóstola do Mestre Jesus.

1 No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e, vê que a pedra fora retirada do sepulcro [...]. 11. Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro, 12 e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés. 13 Disseram-lhe então: "Mulher, por que choras?" Ela lhes diz: "Levaram, o meu Senhor, e não sei onde o puseram!" 14 Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. 15 Jesus lhe diz: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" Pensando ser ele o jardineiro, ela lhe diz: "Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar!" 16 Diz-lhe Jesus: "Maria!" Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: "Rabbuni!", que quer dizer "Mestre". 17 Jesus lhe diz: "Não me toques, pois, ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai. a meu Deus e vosso Deus". 18 Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: "Vi o Senhor", e as coisas que ele lhe disse.⁵⁵

4.1 EXEGESE

A morte e a ressurreição de Jesus, no Evangelho de João, não são momentos isolados, mas duas cenas inseparáveis dentro da mesma realidade: Morte, Ressurreição e Glorificação de Jesus. A brevíssima transição temporal em 20.1 reforça a impressão de unidade narrativa⁵⁶. O relato da paixão e da ressurreição já estavam presentes na tradição, os sinóticos confirmam esse ponto. João não só conserva a unidade, mas reforça mostrando as duas unidades da narração apresentando as chagas que Jesus trazia (20.19-20): de fato aquele é o ressuscitado que foi condenado, torturado e morto.

⁵⁴ TREVISOL, Jorge. <https://www.youtube.com/watch?v=4C2V0tOIo28>

⁵⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1892.

⁵⁶ KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**. Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005, p.346.

Aparecem duas cenas distintas em João 20.1-18: a primeira apresenta o sepulcro vazio; a segunda mostra a aparição à Miriam de Magdala. São narrativas entrelaçadas em que Miriam de Magdala é a personagem de ligação⁵⁷. Em João 20.19-29, são apresentadas duas aparições de Jesus: a primeira sem Tomé, com os onze discípulos; a segunda com Tomé, totalizando doze discípulos. Na primeira cena, o cenário é o Jardim onde Jesus foi sepultado, na segunda, uma sala onde a comunidade se reúne, lembra o lugar da ceia. De forma interdependente, o capítulo 20 retoma os cenários do capítulo 18-19 e 13-17, respectivamente⁵⁸.

Olhando para o capítulo 20.1 do Evangelho de João, Miriam de Magdala aparece como uma das mulheres do relato de Marcos 16.1-2, inclusive aparece na primeira pessoa do plural, mas, na narrativa de João, as outras mulheres desaparecem. Em Jo (20.2), Miriam indo ao encontro dos discípulos, desesperada por encontrar o túmulo vazio, traz a memória das mulheres em Mateus 28.8 que correm para anunciar aos discípulos.

Em João 20.1-18, Miriam aparece como a escolhida para fazer a experiência daquela manhã de Páscoa, como anúncio da ressurreição. O texto sobre O Cristo Ressuscitado e Miriam de Magdala estão descritos em oito versículos e é precedido pela primeira cena sobre a Ressurreição de Jesus. Na primeira cena (Jo 20,1-10), apresenta Miriam na manhã de domingo, dia da Ressurreição. Ela vai ao sepulcro encontra a pedra removida, mas não entra, vai chamar os discípulos. Pedro e o discípulo que Jesus amava, foram até o sepulcro. Pedro entrou, o outro discípulo também entra e crê, mas retornam para casa, Pois ainda não tinham entendido que, conforme a Escritura, Ele havia de ressuscitar.

Texto em grego Jo 20.16-18:

¹⁶ λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς, Μαριάμ. στραφεῖσα ἐκείνη λέγει αὐτῷ Ἑβραϊστί, Ραββουνι (ὃ λέγεται Διδάσκαλε). ¹⁷ λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς, Μή μου ἄπτου, οὕπω γὰρ ἀναβέβηκα πρὸς τὸν πατέρα· πορεύου δὲ πρὸς τοὺς ἀδελφούς μου καὶ εἰπὲ αὐτοῖς, Ἀναβαίνω πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ πατέρα ὑμῶν καὶ θεόν μου καὶ θεὸν ὑμῶν. ¹⁸ ἔρχεται Μαριάμ ἡ Μαγδαληνὴ ἀγγέλλουσα τοῖς μαθηταῖς ὅτι Ἐώρακα τὸν κύριον, καὶ ταῦτα εἶπεν αὐτῇ.⁵⁹

Tradução (provisória) João 20.16-18:

⁵⁷ KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**. Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005, p.347.

⁵⁸ KONINGS, 2005, p. 348.

⁵⁹ BIBLEWORKS. versão 7. <http://www.bmssoftware.com/bibleworks7.htm>, 2008, Acesso em: 2022.

16 Diz a ela Jesus: Maria. Voltando-se aquela diz a ele em hebraico: Raboni (o que se diz Mestre). 17 Diz a ela Jesus: Não me segures, ainda pois não subi para o Pai; mas vai para os meus irmãos e diz a eles: Subo para o Pai meu e Pai vosso Deus, meu e Deus vosso. 18. Vem Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor, e estas coisas ele disse a ela.⁶⁰

Bíblia de Jerusalém:

16 Diz lhes Jesus: "Maria!" Ela, voltando-se, ela lhes diz em hebraico: "*Raboni!*", que quer dizer "Mestre" ¹⁷ Jesus lhe diz: "Não me toques, pois ainda não subi ao meu Pai. Vai, porém, a meus irmãos e diz-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus." 18 Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: "Vi o Senhor", e as coisas que ele lhes disse.⁶¹

4.2 DELIMITAÇÃO

O texto de João 20.16-18 forma uma unidade de pensamento do conjunto onde está inserido dentro da perícopie de João 20.11-18. O diálogo desenvolvido nos versículos 16-18 está diretamente ligado com o todo do capítulo 20, o dia da Ressurreição. Tanto o tema quanto os termos empregados no texto estão em conexão com todo do capítulo.

O relato do capítulo 20 entre os versículos 1, 11 e 18 está concentrado numa só discípula, Miriam de Magdala. Foi no jardim onde Jesus vai ao seu encontro e dialoga com ela. É o texto em que traz pela primeira vez a aparição de Jesus depois da ressurreição.

Esta cena é a primeira aparição do Ressuscitado aos discípulos, no caso o primeiro encontro foi com Maria a Madalena no jardim ,κέπος. É a reconstituição do primeiro casal, agora casal escatológico. É o Éden retomado. Na discípula Maria, o redator do Evangelho demonstra a passagem da ausência para a presença e da tristeza para a alegria. Importante lembrar que, para o evangelista, Maria representa toda a comunidade do Messias.⁶²

No relato da Paixão no Evangelho de João tudo começa e termina no jardim, Jesus se entrega para dar a vida no jardim (18:1-11), é sepultado no Jardim (19:38-42), a Ressurreição e a aparição a Miriam de Magdala é no Jardim (20:11-18). No Evangelho de João o Jardim é símbolo da vida. Bortoline diz que:

O Jardim é sinônimo de vida. De acordo com o Genesis, Deus criou a humanidade e a colocou, como centro da criação, num jardim (Gêneses 2:4b-25). Seduzida pela serpente, a humanidade foi expulsa desse jardim-paraíso perdido, saiu de lá sonhando com o dia de voltar. A narrativa da

⁶⁰ SCHOLZ, Wilsom. **Novo testamento interlinear grego e português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p.431.

⁶¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1892.

⁶² MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 1989, p.820.

Paixão mostra que Jesus vence a serpente e abre o caminho de regresso para esse Jardim, símbolo do Espírito e da vida que Jesus comunica.⁶³

Jardim, símbolo da vida, do novo respiro, novo frescor, respiro acalentado de vida nova, perfume bom, cheiro de amor. A poesia que a Comunidade Joanina nos deixou como herança continua pulsando em nossos corações e em nossos corpos, nos convidando à reconstrução do Jardim do Bem Viver.⁶⁴

No quadro a seguir é possível ver a comparação dos versículos de João 20:16-18 em três traduções diferentes.

Tabela 1 - Comparação dos versículos de João

ACF. 16 Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre).	BJ. 16 Diz-lhes Jesus: "Maria"! Voltando-se, ela lhe diz em Hebraico : "Rabbuni!" (que quer dizer, Mestre).	NTLH – 16 – Maria – disse Jesus. Ela virou e respondeu em Hebraico : – " <i>Rabuni!</i> " (Esta palavra quer dizer "Mestre".)
17 Disse-lhe Jesus: Não me detenhas , porque ainda não subi para meu Pai. mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.	17 Jesus diz: Não me toques , pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém , a meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai: a meu Deus e vosso Deus.	17 Jesus disse: – Não me segure , pois ainda não subi para o meu Pai. Vá se encontrar com os meus irmãos e diga a eles que eu vou subir para aquele que é meu Pai e o Pai deles, o meu Deus e o Deus deles."
18 Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: " Vi o Senhor ", e as coisas que ele lhe disse. ⁶⁵	18 Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: " vi o Senhor ", e as coisas que ele lhe disse. ⁶⁶	18 Então Maria Madalena foi e disse aos discípulos de Jesus: – Eu vi o Senhor! E contou o que Jesus lhe tinha dito. ⁶⁷

Fonte: da Autora (2022).

Como é possível perceber no quadro acima, nas três traduções em português são poucas palavras que diferem, com pequenas variantes. No versículo 16, a *Bíblia Almeida Corrigida Fiel*, omite o "em hebraico", esta omissão não muda a ação descrita no texto. No versículo 17a, na *Bíblia Almeida* traz a palavra não me **detenhas**; na tradução da *Bíblia de Jerusalém*, a palavra não me **toques**; e na

⁶³ BORTOLINI, José. **Como ler o evangelho de João**. Caxias do Sul/RS: Paulus Gráfica, 1994.

⁶⁴ SCHINELO, Edmilson. A comunidade do discípulo amado e o Jardim do Bem Viver. São Leopoldo: 2013

⁶⁵ BÍBLIA ALMEIDA revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p.124.

⁶⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulus, 2002, p. 1893.

⁶⁷ SCHOLZ, Wilsom. **Novo testamento interlinear grego e português**. 2004, p.430.

tradução *Linguagem de Hoje*, não me **segure**. A *Bíblia Almeida* traz a palavra **deter** e a *Bíblia Nova Tradução Linguagem de Hoje* traz a palavra **segurar**. Essas palavras não mudam o sentido da ação, são palavras diferentes, mas com o mesmo sentido. O ato de deter é segurar, não deixar seguir, portanto, tem o mesmo sentido. A *Bíblia de Jerusalém* traz a palavra **tocar**, “não me toques” tem ação diferente de segurar e deter, tocar não muda a ação da pessoa tocada.

A escolha da tradução, “tocar”, também pode ser uma escolha moralista de negação do corpo que vem desde os tempos medievais e perduram em nosso tempo. A expressão Grega *Μή μου απτου* é um imperativo que indica o interruptivo de um contato já existente, uma boa tradução seria solta-me.⁶⁸

No versículo 18, a *Bíblia Almeida Corrigida Fiel* e a *Bíblia de Jerusalém* a ação é **anunciar**, na *Bíblia Nova Tradução Linguagem de Hoje*, é **dizer**. A escolha da tradução nunca é uma escolha sem intenção. Seja qual for a intenção da tradução, a expressão do verbo em grego, fala do anúncio, anunciar o *ἀγγέλλουσα* Evangelho⁶⁹.

O Gênero do texto, apresenta uma prosa, em narrativa linear, que forma uma unidade com os versículos anteriores Jo 20.1,11-18 está inserido no contexto da Ressurreição. Ao se observar a estrutura, é um texto coeso com pensamento lógico, há uma ordenação nas frases, e há também construção de sentido, porém daria para ressaltar que nesta narrativa joanina se cruzam dois modos diferentes ao mencionar o sepulcro, que mostram a passagem entre o “antes” e o “depois” para o Messias e para Miriam de Magdala. Em um primeiro momento, o relato deve ser examinado na sua unidade narrativa originária, isso é excluindo em primeiro lugar os vv 2-10, que interrompem a sua continuidade⁷⁰. Apesar de que os versículos 2-10 provocam uma clara censura narrativa, também trazem alguns elementos importantes e precisos do acontecimento.

Considerando antes de tudo parte do relato que vê Maria como a única protagonista vv 1,11-18. Embora João, diferentemente dos sinóticos, não tenha mencionado anteriormente a presença da discípula no sepultamento, Miriam sabe que o corpo de Jesus foi sepultado naquele lugar. Quer visitá-lo porque é a única maneira de continuar a ser discípula.⁷¹

⁶⁸ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 820.

⁶⁹ CAPUCHO, Eduardo. Aparição do Ressuscitado a Maria Madalena João 20,11-18. **Revista de Cultura Teológica**, v. 19, n. 74, p. 68, abr. 2011.

⁷⁰ PERRONI, 2017, p.111.

⁷¹ PERRONI, 2017, p.111.

Miriam não precisa desempenhar nem uma outra função, para ela só resta o luto e o pranto. Segundo João, José de Arimatéia e Nicodemos já haviam preparado o corpo de Jesus (19.39ss). Não é difícil acreditar que em um primeiro momento deve ter sido esta a reação das discípulas à morte de Jesus, e que João considere exatamente aquela situação como lugar da divina Epifania: dois anjos vestidos de branco sentados um na cabeceira e o outro nos pés, onde tinha sido colocado o corpo de Jesus, assinalam o que aconteceu (20.12). Sem nenhuma palavra, porque o evangelista continua a seguir a lógica dos sinais, tão importante na teologia do quarto evangelho⁷².

Toda parte dos vv.16-18 mostra o diálogo entre Jesus e Miriam de Magdala. No v.16, Jesus se apresenta a Miriam, chamando-a pelo nome. Miriam é reconhecida por Jesus de forma singular, em relação íntima estabelecida pelo Messias com ela. Miriam reconhece Jesus e o Chama de Mestre (Rabuni). Palavra em hebraico que significa (Διδάσκαλε Mestre). Miriam estava falando com um suposto estranho, a princípio, e em momento algum ela mencionou nomes, mas Jesus a chama pelo nome e a sua voz a faz reconhecê-lo. Miriam, cheia de alegria, o reconhece e o chama de (Rabbuni), Mestre.

Somente no v. 16 Miriam percebe quem está à sua frente, no entanto, a sua ação é uma reação ao protagonismo do Jesus Ressuscitado. É o Ressuscitado que se faz reconhecer. Jesus se dirige a Miriam de Magdala de maneira pessoal, porque a conhece pessoalmente. Ao falar Jesus se revela e é pela voz que a discípula O reconhece e sabe quem está falando. A Miriam responde com um termo não usual: "Rabbuni". A palavra é mais solene que 'rabi' e é usada quando se refere a Deus e também em referência ao esposo. No diálogo, a cena "[...] adquire aqui todo o seu relevo pela correspondência entre a chamada e a resposta que se intercambiam das pessoas que se amam".⁷³

Este diálogo entre o Ressuscitado e Miriam de Magdala tem profunda ação amorosa na qual a discípula manifesta atenção, sem saber da mudança que a ressurreição trouxe para o seu mestre amigo. Agora estão num progressivo caminho de transformação e mostram que a fé pascal é uma ação de diálogo com Aquele que ressuscitou. A aparição de Jesus no versículo 16 é a primeira vez depois da Ressurreição. Aparição que se complementa com a cena do sepulcro vazio. Pode-se dizer que o conteúdo da primeira cena recebe outros contornos na segunda cena e adquire a sua força em consequência da primeira⁷⁴.

⁷² PERRONI, 2017, p.112.

⁷³ CAPUCHO, 2011, p.68.

⁷⁴ CAPUCHO, 2011, p.62.

Na tradição Joanina, a intimidade do conhecimento entre discípulo e o mestre está sempre ligado à “ortodoxia” do conhecimento cristológico (Jo 10.3-5, I Jo 2.4). Se, para João, Maria de Magdala é a destinatária da primeira aparição do Ressuscitado, este fato tem necessariamente um desenvolvimento concreto, não apenas cristológico, mas igualmente eclesiológico.⁷⁵

Existe grande probabilidade de o cap. 28.9-10 de Mateus ter servido de base para o versículo 17 de João, pois as cenas podem ser comparadas. Mateus transforma a notícia de Marcos 16.8, onde diz que as mulheres fugiram do túmulo sem contar nada a ninguém. Mc 16.9-20 é um acréscimo posterior, narra a aparição de Jesus às mulheres, onde Jesus repete a ordem, dada pelo Anjo no sepulcro⁷⁶.

O versículo 17 de João apresenta Miriam de Magdala com grande afeição pelo seu querido Mestre, joga-se a seus pés, abraçando-os, como as mulheres em Mateus 28.9-10. As palavras que Jesus usa em João é diferente das usadas em Mateus, expressando mensagem diferente: “Não me segures, pois ainda não voltei para o Pai. Vai antes dizer aos meus irmãos que estou subindo ao meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”.

O versículo 17 de João, inicia com uma expressão ocorrida nos versículos 15 e 16: “Disse-lhe Jesus” e dirigida à mesma pessoa: Miriam de Magdala. No versículo 15, a discípula responde às perguntas do Ressurreto. No versículo 16, ela se move e vai em direção com gesto e com apenas uma palavra, Rabbuni. A razão pela qual isto ocorre pode ser conferido em Jo 16,22s quando Jesus fala da alegria. Maria percebe a aparição ainda na ótica de antes da morte e ressurreição de Jesus: venera-o como dantes, como o “grande Mestre” presente junto dela na terra. Jesus recusa esse “segurar”, mediante o simbolismo “cima/baixo”, costumeiro no Quarto Evangelho.

Trazida pela sua hora e nela não haverá necessidade de perguntas (Jo 2.1), pois é ressurreição, é dia sem fim. Miriam, provavelmente, está em contato físico com Jesus, e o imperativo em João simboliza também a dimensão interior de não aprisionar o Ressurreto pela vivência da frágil fé pré-pascal. Não significa, necessariamente, que a reação de Jesus tenha sido de separação, mas de uma transformação radical compreensível pela fé e, por ela, Magdala poderá tocar o Cristo.⁷⁷

A ordem de Jesus, o Rabbuni, de não o tocar, pode ser em consequência de sua missão e da missão dela, Miriam. A recusa de Jesus de ser tocado, também pode ser entendido como um gesto de recusa de adoração. O ato de querer ser

⁷⁵ PERRONI, 2017, p.113.

⁷⁶ KONINGS, 2005, p.351.

⁷⁷ CAPUCHO, 2011, p.63.

adorado é de Satanás e ao não tolerar isto, em função litúrgica, é o que legitima Jesus como da parte de Deus⁷⁸.

Se o fato analisado na perspectiva de Jesus Ressuscitado, encontra-se o dado da Ascensão do Filho. O redator do Evangelho não está preocupado com a dimensão cronológica do fato, porém deseja manifestar a crucificação junto à ressurreição e está como processo integrante da ascensão. É um único movimento de exaltação e glorificação⁷⁹. Jesus retorna ao Pai. Deixa este mundo e vai à destra de Deus participando da mesma glória. O filho desempenhou sua missão: revelar o Pai, revelando seu ser divino. Jesus revela-se plenamente em um momento único. Ressurreição e Ascensão, revelação plena na qual a comunidade, em Miriam de Magdala, começa a compreender a origem Divina do Filho⁸⁰.

A subida de Jesus, para junto de Deus, não deixa seus seguidores e seguidoras abandonados, pelo contrário, é glorificada, estado conquistado desde a cruz. Assim, Ele funda uma comunidade de irmãos e irmãs, a qual é divina e escatológica e cumpre-se o que foi prometido em 17,21-23 bem como pelos profetas, os discípulos e discípulas são transformados em filhos e filhas de Deus. A missão dada à Miriam mostra que a graça doada é o modo pelo qual Jesus continua presente e torna os discípulos e as discípulas verdadeiros irmãos e irmãs⁸¹.

É pela ação amorosa reconhecida em Jesus que Deus se dá a conhecer, como Deus ama os seus filhos e filhas. Eles e elas são convidados a amarem também no Filho, ou seja, os discípulos e as discípulas são assumidos no Filho, porque Ele tem a precedência. Aqui se pode perceber o significado do mistério da encarnação em relação à salvação, pois na encarnação o Logos assumiu a humanidade que salva (3.1), não simplesmente pelo perdão dos pecados, mas o estado de distância entre Deus e as pessoas são superados pela elevação do que é humano para uma realidade superior: a filiação divina.⁸²

Miriam foi investida pelo Ressuscitado no papel de anunciar aos irmãos e irmãs a qualidade da nova relação que a exaltação de Jesus estabeleceu, não só o Ressuscitado e o seus, mas também do grupo dos discípulos e discípulas entre si.

Maria de Magdala não precisa de um tempo intermédio para dissolver as dúvidas e incertezas: a passagem da angelofania à cristofania é praticamente imediata e, para ela, o anúncio da ressurreição através dos sinais dado pelos anjos coincide com a aparição do Ressuscitado. Portanto

⁷⁸ CAPUCHO, 2011, p.64.

⁷⁹ CAPUCHO, 2011, p.65.

⁸⁰ CAPUCHO, 2011, p.65.

⁸¹ CAPUCHO 2011, p.66.

⁸² CAPUCHO, 2011, p.67.

é daqui que brota o mandato apostólico feito por Cristo, o primeiro depois da ressurreição.⁸³

No v.18 Jesus confere a Maria a missão de anunciar a Ressurreição aos discípulos. Miriam de Magdala tem a missão de anunciar que ela viu o Senhor, e comunicar tudo o que Ele lhe disse. Entretanto, a mensagem que Miriam foi enviada a transmitir não é dirigida somente aos discípulos, mas a todos aqueles e aquelas que creem.

Ao anunciar (*ἀγγέλλουσα*). o que Jesus ordenou, Miriam de Magdala, aceita a ordem dada pelo Ressurreto e se torna **discípula** e **apóstola**. Miriam leva os discípulos ao um novo reconhecimento de Jesus, estabelece a passagem do Jesus terreno para o Jesus Ressuscitado. Miriam foi revelada durante a Protofania Pascal, a inclusão de Jesus, o filho em Deus, e dos discípulos, doravante tornados *α' δελφούς* Irmãos (v. 17), no único Pai, é muito significativo⁸⁴. É a única vez que o termo “irmãos” vai aparecer no Evangelho em João, excetuando 21 e 23, em que indica a comunidade “do discípulo que Jesus mais amava”. É o testemunho de Miriam que abre para a comunidade a aparição do Ressuscitado e a efusão do Espírito (20,19-23)⁸⁵.

Miriam “viu”. O verbo usado é *ὄραω* se refere à visão mais profunda, aquela que chega à fé, a visão de Miriam é maior que uma visão física. Miriam O viu como pessoa viva e presente.

O evangelista faz um relato de prestação de contas no qual há uma função apologética de defender o fato milagroso da ressurreição. Diferentemente do discípulo que Jesus amava, Maria não guarda para si a experiência vivida, mas ela anuncia como mandato do Rabbuni. Antes de Jesus impedir Maria de tocá-lo ela se dirige a Ele como Rabbuni, porque estava para subir ao Pai, mas quando anuncia o acontecido à comunidade o termo usado é ‘Senhor’ referência a entrada na glória por Jesus Cristo e sua condição divina.⁸⁶

Em João, a frase, “subo para meu Pai que é vosso Pai, para meu Deus que é vosso Deus” (20.17) e na capacidade de Miriam de Magdala em aceitar a nova condição de Jesus Ressuscitado, não se detendo ou se vinculando na memória, e nem sequer de querer segurá-lo para si, mas aceitando a nova dimensão pneumática de Jesus, aqui está toda a concentração desta passagem de Jesus humano para o Jesus Ressuscitado. Querer segurar o Ressuscitado seria como ficar

⁸³ PERRONI, 2017, p.120.

⁸⁴ PERRONI, 2017, p.114.

⁸⁵ PERRONI, 2017, p.114.

⁸⁶ CAPUCHO, 2011, p.68.

olhando o sinal verde só porque é bonito, em vez de avançar. Em vez de segurar Jesus, Maria deve anunciar à comunidade que Jesus “sobe” à glória do Pai. O verbo “subir” faz pensar não só na trajetória de Jesus (descida-subida, Jo 3,13; 17,26), mas também na entronização (subir ao trono). Pela primeira vez no Evangelho de João, Jesus chama a comunidade de “meus irmãos” e ao Pai ele chama “meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”⁸⁷.

4.3 O PAPEL TEOLÓGICO DAS MULHERES ONTEM E HOJE

A partir do olhar Jesus, o crucificado, o lugar da nova criação é o sepulcro, a morte se transforma em vida. Para as discípulas também, a vida ressurge a partir do sepulcro. Teologicamente, é no sepulcro que acontece a passagem do discipulado histórico, ser discípulas do profeta galileu, para o seguimento ao Cristo ressuscitado e ascendido ao pai⁸⁸.

O sepulcro é o lugar em que o estatuto discipular das mulheres da Galileia muda radicalmente de perspectiva e abre o passado ao futuro e o futuro em passado. Graças à epifania divina que preludia, nos sinóticos, o encontro da comunidade com o Ressuscitado, e, em João, graças a aparição do próprio ressuscitado a Maria de Magdala.⁸⁹

Os evangelhos canônicos mostram a presença de mulheres e homens e nos permitem encontrar comunidades mistas, que creem em Jesus ressuscitado. No entanto, quando se refere a papéis de lideranças comunitárias, parece que as mulheres precisam desaparecer totalmente. A presença forte de Miriam de Magdala nos evangelhos canônicos reforça a preocupação com sua total ausência nos demais textos dos evangelhos. Ela aparece apenas em uma citação de Lucas 8.2 e, após esta pequena narrativa, vem um silêncio total sobre elas. Miriam e as outras mulheres somem totalmente de cena, na caminhada missionária de Jesus. Só vão reaparecer em Jerusalém na crucifixão e ressurreição.

Não foi por acaso que os Antigos padres da Igreja, ao não poderem aceitar uma incongruência tão aparatosa, concentram na figura de Miriam de Magdala todas as mulheres, anônimas ou não, que desempenharam um papel na vida de Jesus antes da Páscoa: a pecadora de Lucas 7.36-50, a mulher anônima que unge a cabeça de Jesus, no início de sua paixão em Marcos 14.1-9. Para João essa mulher é a irmã de Marta e Lazaro (12,1-8).⁹⁰

⁸⁷ KONINGS, 2005, p.325.

⁸⁸ PERRONI, 2017, p.110.

⁸⁹ PERRONI, 2017, p.111.

⁹⁰ PERRONI, 2017, p.41.

Os Evangelhos nos permitem apresentar Miriam de Magdala seguindo a apresentação do querigma cristão, tal como foi conservado na antiga fórmula que Paulo retoma em 1º Coríntios 15,2-8. Na fórmula, o anúncio de fé encontra sua síntese mais completa na justaposição de dois pares de verbos: morreu-foi sepultado e ressuscitou-apareceu⁹¹.

Essas mesmas fórmulas estruturais estão narradas nos quatro evangelhos da paixão e provam o fato, tanto na sua versão mais sintética de fé quanto na mais desenvolvida como narração. A primeira pregação cristã fundou-se nestas duas colunas: morte-sepultura e ressurreição-aparição. A questão está na lista de aparições que acompanha a fórmula de 1Coríntios 15, 2-8. Miriam de Magdala não é mencionada⁹². Os relatos sinóticos falam dela e das outras mulheres que desempenham um papel importante e fundamental no desenvolvimento dos fatos da Páscoa. No Evangelho de João, Miriam é a destinatária da primeira manifestação do Ressuscitado (Jo 20.1-18 e Mc 16.9).

Ao lermos os evangelhos desde o início é um espanto quando nos damos conta da ausência das mulheres na vida de Jesus. As pessoas chamadas para o discipulado, que aparecem, são apenas homens, os doze são todos homens e os demais discípulos aparentemente também o são. Miriam de Magdala entra em cena inesperadamente, tanto ela quanto as outras mulheres aparecem de maneira poderosa e inesperada nos relatos da paixão. A pergunta que fica: por que isso acontece?

Contudo, é necessário que se faça outra pergunta: por que Miriam de Magdala e as outras mulheres saem de cena em todo evangelho? E não por qual motivo elas entram em cena. Este acontecimento da exclusão das mulheres dos textos bíblicos tem grande probabilidade de ter acontecido no início da tradição cristã. Não era fácil aceitar que uma mulher tenha sido a primeira a acolher o anúncio da Ressurreição e nem aceitar que a única aparição individual de Jesus tenha sido a uma mulher. Será que é por isso que Miriam de Magdala também não começa a fazer parte da genealogia apostólica de 1Coríntios 15.13ss?⁹³

É praticamente impossível propor uma solução adequada para este problema. Deveria ser, porém, pelo menos desejável, que o tema da primitiva

⁹¹ PERRONI, 2017, p.13.

⁹² PERRONI, 2017, p.13.

⁹³ PERRONI, 2017, p. 120.

pregação querigmática cristã não fosse enfrentada sem se ter muito claro que várias tradições foram se desenvolvendo com grande autonomia entre si, e só num segundo momento foram se cruzando umas com as outras. Por outro lado, deveriam já estar bem claros os traços de certo incômodo que acompanhou o protagonismo das discípulas.

Em cada um dos quatro Evangelhos a angelofania pascal ocorre unicamente com as mulheres; em Mateus são elas as primeiras a adorar o Ressuscitado (28.9) e, em João, a destinatária da profecia do Ressuscitado é Maria. Todavia, segundo Lucas, os Onze e todos os outros consideraram o primeiro anúncio da ressurreição feito por Maria de Magdala e pelas outras “um desvario” (24.11). De fato, se prestamos atenção, vamos perceber que não somente a história na sua composição, mas também a sua razão teológica interna, os Evangelhos devem ser lidos a partir do fim, e não do início. A história da pregação protocristã inicia-se no anúncio da ressurreição e por isso toda vida do Nazareno, que profetizou a vinda do reino de Deus, é então compreendida como boa Nova, Evangelho.⁹⁴

Em Lucas 24, 22ss, encontramos a fala de Cléofas, um dos discípulos de Emaús. No diálogo com o “forasteiro” ele diz que “algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados... vieram dizer que apareceram uns anjos, que afirmavam que Ele tinha “ressuscitado”. Marcos (16.11), na conclusão, afirma que a reação ao anúncio de Miriam é a incredulidade. Será que na tradição canônica já não estaria com os primeiros sintomas do processo que iria conduzir ao apagamento de Miriam de Magdala da genealogia primitiva apostólica? Embora nos textos não nos apresenta uma forma compreensível na leitura, a verdade é que em 1º Coríntios 15,5 afirma que o Ressuscitado “apareceu primeiro a Cefas e depois aos doze”⁹⁵.

Os quatro evangelhos não apresentam dúvidas, tinham clara consciência de que os acontecimentos pascais, morte-sepultura e ressurreição-aparições, tinham caráter querigmática, uns não são salvíficos sem o outro. A força do anúncio está aqui, transmitida através da fórmula de fé ou de narração querigmática completa. Isso não pode ser ocultado dos acontecimentos históricos, e colocar outros personagens na história de testemunha na experiência de fé individual ou coletiva⁹⁶.

Consequentemente a interpretação dos escritos neotestamentários não pode ignorar as duas vertentes do problema: o que esteve na origem da fé na ressurreição e o que aquela incredulidade e aquele juízo de “delírio” comportou para a tradição Cristã nascente. E no centro do problema, sobressai com toda evidencia a figura de Maria de Magdala. Creio que se pode afirmar tranquilamente, que, se quem elaborou a fórmula querigmática retomada por Paulo em 1º Coríntios 15.3-5, quem a inseriu na liturgia, quem a transmitiu na catequese, ao menos Paulo, tivesse conhecido as primitivas

⁹⁴ PERRONI, 2017, p.120.

⁹⁵ PERRONI, 2017, p.15.

⁹⁶ PERRONI, 2017, p.51.

tradições sobre morte e ressurreição de Jesus que serviram de base ao relato da paixão, teria podido e, talvez, devido dizer: “Confesso que Cristo Morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras e que foi sepultado e que ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras e que apareceu primeiro a Maria de Magdala e depois aos doze”. Se não o fez, foi porque, de fato, muito rapidamente, a imagem da discípula da Galileia, a primeira testemunha da morte e da ressurreição de Jesus de Nazaré, foi privada de força de valor. Ao não fazerem, não só a história de Maria de Magdala, mas também a história das mulheres dentro da Igreja, foi como foi.⁹⁷

Miriam chegou ao sepulcro muito cedo, antes de qualquer outra discípula ou discípulo, e conversou com Jesus. Quando os dois discípulos chegam ao sepulcro e entram, não conseguem enxergar nada mais do os lençóis jogados. Miriam consegue enxergar além, fala com os anjos e com Jesus. Para as mulheres, não é difícil acreditar em milagres, no que transcende o entendimento humano, naquilo que só pela fé é possível. Muitas mulheres planejaram estar no túmulo de Jesus para embalsamar seu corpo⁹⁸.

4.4 EXCLUSÃO DAS MULHERES

Neste item, pretendo trazer uma abordagem na forma de exclusão das mulheres que estavam no movimento de Jesus, após sua Ascensão, que perdura até nossos dias. Esta exclusão se dá a partir das decisões tomadas no início do Cristianismo, pelo sistema patriarcal vigente, na época, chegando até nossos dias. Estas decisões respondem às minhas perguntas do porquê as mulheres foram excluídas do ministério ordenado nas instituições religiosas Cristãs por séculos.

Na escolha dos livros canônicos, intencionalmente selecionando os escritos e vivências de lideranças masculinas em detrimento das lideranças femininas, foi-se criando uma tradição de instituição religiosa hierárquica com lideranças masculinas exercendo o poder. Tudo isso gerado pelo próprio sistema do patriarcado que, naqueles tempos, e ainda hoje, sustentam a base da sociedade e das igrejas.

Na Palestina e no mundo greco-romano, na época de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, predominava a mentalidade de que o homem era superior à mulher. A mulher era um ser impuro pelo fato de ser mulher. Instruções religiosas eram para o homem. Como um ser ignorante, a mulher não era capaz de aprender nem compreender a Lei. Eliezer, um Rabino contemporâneo de Jesus, assim disse:

⁹⁷ PERRONI, 2017, p.15.

⁹⁸ STANTON, Elizabete Cady. **A Bíblia para as mulheres**. São Leopoldo: CEBI/Editora Anglicana, 2019, p. 385.

“quem ensina a torá à sua filha, ensina-lhes a libertinagem. É melhor queimar a lei Santa do que entregar a uma mulher”⁹⁹.

No mundo greco-romano, a sociedade era patriarcal e estratificada. Esse sistema transformou-se em uma ideologia muito forte de dominação. Ele foi tão relevante que passou a ser de forma definitiva e influenciou a cultura do mundo Ocidental. Em termos de cultura, o mundo greco-romano é muito parecido com o da Palestina, conforme é afirmado pelo autor Felix Moracho, na passagem seguinte:

As culturas, grega, romana e judaica apresentavam as mulheres de forma diferenciada, com estatutos próprios. As mulheres do Oriente, dentre as quais as palestinas, no início do primeiro século d.C. viviam retiradas, afastadas da esfera pública e deviam exercer as virtudes do ideal de uma vida reclusa no interior da casa, ser uma boa esposa, mãe exemplar para seus filhos, dona de casa hábil e prendada. Escapam deste ideal as princesas e as mulheres ligadas ao campo. com este papel para cumprir, a mulher esteve impossibilitada de participar da vida religiosa plenamente. Elas foram dispensadas dos processos religiosos positivos, ligados aos momentos de oração e estudo. Seu papel restringia-se à esfera doméstica e familiar e deviam cuidar da pureza em matéria alimentar e sexual. Seu papel religioso estava circunscrito a cozer os pães e acender as luzes em festas religiosas.¹⁰⁰

Falar de Jesus e do seu projeto é falar de um movimento que traz um novo sentido para a vida do judaísmo. A proposta de Jesus é de renovação e cuidado com a vida. Esta proposta traz consequências muito sérias para o modelo de sociedade da época, pois corriam para ele pessoas excluídas da sociedade, pobres, doentes e todas as que se sentiam rejeitadas pelo sistema¹⁰¹.

O movimento de Jesus não está desligado ou isolado da realidade de sua época. Falar do cristianismo primitivo é falar de um movimento de libertação judaico-cristão. As mulheres que foram acolhidas, animadas e curadas por Jesus, perceberam e entenderam que também podiam entender de leis e religião.

Mulheres que tinham experimentado a bondade graciosa do Deus de Jesus foram líderes em expandir este movimento de Jesus na Galileia e desenvolver um argumento teológico desde as tradições de Jesus para explicar por que os pagãos deviam ter acesso ao poder de Deus em Jesus e participar da superabundância da comunidade messiânica da mesa.¹⁰²

Recuperar o protagonismo feminino da história humana se faz necessário. Muitas mulheres tiveram fundamental importância na história da sociedade e também das igrejas, entretanto, foram apagadas, com determinação, pela cultura

⁹⁹ STANTON, 2019, p.25.

¹⁰⁰ EVANGELISTA, Conceição. **O papel da mulher no cristianismo primitivo a partir da samaritana**. São Leopoldo: CEBI, 2018.

¹⁰¹ FIORENZA, Elisabeth Schussler. **As origens cristãs a partir da mulher, uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

¹⁰² FIORENZA, 1992, p.173.

patriarcal de universalidade masculina, que atirou a vida das mulheres à margem da memória coletiva e a transmitiu com narrativas de subordinação.

Pretender que se reveja a tradição não significa fazer apologia do arbitrário. Era convicção antiga e bem fundada que a terra era o centro do universo, também era que Maria de Madalena teria sido a pecadora perdoada e a amante do Nazareno, foi preciso muito tempo para a primeira convicção antiga, relacionada à ordem do universo, caísse; a segunda que tem a ver com o estatuto antropológico e a estrutura ou organização da sociedade e das igrejas, tem custado a ultrapassar.¹⁰³

O modo de organização da igreja no século III, entre a forma grega de pensar e a cultura romana de administrar, reduziu os espaços onde as mulheres poderiam atuar, inclusive reduzindo-as a prostitutas, endemoniadas e doentes. Aquelas que estavam no ministério com Jesus e que foram apóstolas e que foram enviadas por Ele, para anunciar a Ressurreição, desde os Escritos de Paulo aos Coríntios chegando até nossos dias já não aparecem mais, não representam mais nada! Inclusive suas falas estão postas na boca de Pedro ou de Maria Mãe de Jesus. Porque sendo a mãe, para o sistema patriarcal, não vai representar problema algum, mas sendo mulher apóstola, discípula no ministério de Jesus, tal qual os discípulos, é muito perigoso.¹⁰⁴

Quando a religião cristã passou a ser pública, com o evento da conversão de Constantino, a liderança das mulheres em suas funções no Cristianismo foi desaparecendo

Na obra de *praescriptiones Haereticorum* (41.5), Tertuliano, identifica como heréticas as mulheres que ensinam, participam de disputas teológicas ou retóricas, exorcizam, curam e batizam. A argumentação teológica para justificar a limitação no ministério das mulheres, encontra-se em 1º Timóteo. Ele concordava, no entanto, que mulheres profetizassem. Tertuliano invocou também argumentos da disciplina e da autoridade para coibir a falta de rigidez presente nos cultos... A hierarquia era necessária para manter a disciplina na Igreja... Tertuliano reintroduziu o uso do véu para que as mulheres preservassem a castidade, e acusava de atrevidas, insolentes, desenfreadas, as mulheres que exerciam ministério publicamente.¹⁰⁵

Vittorio Menciucci vai nos dizer que a exclusão da mulher do sacerdócio não tem um fundamento na Palavra de Deus. Em 1977, a Pontifícia Comissão Bíblica, encarregada por Paulo VI para estudar a questão, para cortar pela raiz as várias tentativas de propor a hipótese da mulher-sacerdote, assim se pronunciou: “Não

¹⁰³ PERRONI, 2017, p.22

¹⁰⁴ SIMONELLE, 2017, p.196

¹⁰⁵ DEIFELT, Wanda. **Mulheres pregadoras uma tradição da igreja**. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/mulheres-pregadoras-uma-tradicao-da-igreja, 01/10/2014. Acesso em: 7 nov. 2022.

parece que o Novo Testamento sozinho nos permita resolver de modo claro e de uma vez por todas o problema do possível acesso da mulher ao presbiterado”.¹⁰⁶

Só resta o outro fundamento possível, ou seja, a tradição, mas a tradição é facilmente influenciada pela cultura e pelos costumes das várias épocas pelas quais passa. Isso exige a análise e o escrutínio crítico de todos os elementos, para evitar que seja tomado como verdade aquilo que é apenas um preconceito de uma época, a idade média.

Ao longo da Idade Média, várias formas de exclusão foi mobilizada e de várias formas e por vários mentores motivadas e fanaticamente convictas. Abaixo alguns exemplos que Mencucci traz em seu artigo.

A mulher é o princípio do pecado e, por causa dela, todos nós morremos. O beato **Paulo** diz: ‘Adão não foi enganado, foi a mulher que, enganada, cometeu a transgressão’. Não foi talvez por isso que o sábio disse: ‘Qualquer maldade é pequena quando comparada com a maldade da mulher’? (**São João Crisóstomo**).

Tu não sabes que és Eva... Tu és a porta do diabo... Tu és aquela que, por primeiro, violou a lei divina; tu és aquela que persuadiu aquele que o diabo não foi capaz de atacar; quão facilmente fizeste cair o homem, a imagem de Deus; pela pena por ti merecida, isto é, a morte, até mesmo o filho de Deus tiveram que morrer. (**Tertuliano**).

Não sabes que és mulher e que, através das mulheres, o inimigo combate os santos? (**Leão Magno**).

A beleza do corpo está apenas na pele. Na realidade, se os homens pudessem ver o que está debaixo da pele, a visão das mulheres lhes daria náusea... Embora não suportemos tocar um cuspe ou um excremento nem mesmo com a ponta dos dedos, como é que podemos abraçar esse saco de excrementos? Quando vês uma mulher, pensa que é um demônio, que é uma espécie de inferno (**Odo**, abade de **Cluny**).

O vento Norte dá força, o Sul a tira... o vento Norte favorece a geração de homens, o vento Sul, a das mulheres, porque o vento Norte é puro... o vento Sul é úmido e carregado de chuva. (**Alberto Magno**).

A mulher é a própria sensualidade, que é bem representada por ela, já que, na fêmea, ela predomina por natureza. (**Pedro Lombardo**).

A mulher, coisa frágil, nunca estável, exceto no delírio, nunca deixa de causar dano espontaneamente. A mulher, chama voraz, loucura extrema, inimiga íntima, aprende e ensina tudo o que pode causar dano, nascida para enganar, pensa ter tido sucesso, quando pode ser culpada. Enquanto consome tudo no vício, é consumida por todos e, predadora dos homens, torna-se, por sua vez, sua presa. (**Hildeberto de Lavardin**).

Enquanto a mulher está para a geração e para a prole, ela difere do homem assim como o corpo difere da alma, mas, quando quer servir a **Cristo** mais do que ao mundo, então deixará de ser mulher e será chamada de homem (vir) (**São Jerônimo**).¹⁰⁷

O homem é “santo” da cintura para cima, enquanto embaixo é pecaminoso, a mulher é diabólica da ponta dos pés até o topo dos cabelos. Na Idade Média, vive-

¹⁰⁶ MENCUCI, Vittorio. As mulheres e a igreja: as raízes de uma discriminação. **Rocca**, n. 16/17, ago. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/581733-as-mulheres-e-a-igreja-as-raizes-de-uma-discriminacao-artigo-de-vittorio-mencucci>. Acesso em: 24 out. 2022.

¹⁰⁷ MENCUCI. 2018. Acesso em: 15 dez. 2022.

se desta maneira contraditória a relação com o sexo, o homem não sabe se controlar diante da mulher e, ao mesmo tempo, vive essa relação com um sentimento de culpa que tenta descarregar sobre a pessoa mais fraco, ou seja, a mulher: a pregação sobre a inferioridade da mulher demonstra apenas a imaturidade e, portanto, a inferioridade dos pregadores. Só podemos nos envergonhar com essa tradição ininterrupta¹⁰⁸.

A liderança das mulheres no século IV foi profundamente agredida com a decisão através de argumentos de que, “pelo fato de nem uma mulher fazer parte no discipulado de Jesus, no grupo dos doze”¹⁰⁹ e usar de argumentos cristológicos de que Jesus, tendo sido homem, trazia em si o ser humano masculino mais próximo do Divino do que o ser humano feminino. Cria-se assim uma hierarquia apresentando Deus e Jesus no topo, em seguida o homem. A mulher estava abaixo, assim mais perto do diabo. A mulher está na segunda posição na ordem da criação, é a primeira em pecar, nunca sobre hipótese alguma poderia ser representante do Cristo Eucarístico. Aqui se revela a herança deixada pela filosofia aristotélica, na qual a mulher é considerada um ser defeituoso e o homem um ser perfeito.

Com esse pensamento chega-se à Idade Média. Nesse período as mulheres foram desprezadas ao extremo, aquelas que ousassem sair da bolha criada pelo sistema eram consideradas pela Igreja como as bruxas e eram queimadas em fogueiras. Em 1484 saiu o manual dos inquisidores, conhecido como *malleus maleficarum*, escrito por Heinrick Kramer e James Sprenger. Este escrito apresenta uma demonstração de como era essa relação¹¹⁰.

O pensamento da época era de que a mulher é mais carnal do que homens, esta afirmação se evidenciava pelas suas abominações carnis. Teoria que sustentavam pelo fato de a mulher ter sido criada de uma costela recurva do homem, costela do peito onde havia uma curva. Esta curva foi intencional da criação para mostrar que a mulher é o oposto do homem em retidão, como uma falha, um ser imperfeito e mentiroso. Esta opinião não foi sustentada e nem consensuada, por mais que fosse repetida. Muitas mulheres ousaram neste tempo e encontraram

¹⁰⁸ MENCUCCI, 2018.

¹⁰⁹ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.20.

¹¹⁰ DEIFELT. 2014. Acesso em: 7 nov. 2022.

também homens solidários que as ajudassem a seguir buscando seus direitos, mesmo correndo riscos¹¹¹.

É possível identificar algumas mulheres que desafiaram este tempo: Heloisa (século XII), Hildegard de Bingen (século XII), Mechtild de Mardeburg (século XIII), Catarina de Siena (século XIV), Julia de Morwich (século XIV)¹¹², Margaret Porete (século IV)¹¹³. No século XVI, a Reforma Protestante a tradição afirma: o sacerdócio universal de todos os Crentes. Foi difundido amplamente este tema, mas não foi aplicado para garantir às mulheres o direito ao ministério ordenado. Se na Idade Média o ideal feminino era ser monja, na época da reforma era ser esposa e mãe¹¹⁴.

Para Lutero (1483-1546), as mulheres foram vistas como ajudantes e companheiras dos homens, cabendo o papel de esposa, mãe, procriadora¹¹⁵. João Knox (1514-1572) foi grosseiro, em 1558 publicou um tratado com o título: “O primeiro toque da trombeta contra o monstruoso regimento das mulheres”. Neste tratado, Knox se colocava totalmente contra o governo das mulheres, pois significava uma usurpação da autoridade masculina. Ele reconhecia que Deus colocou as mulheres em posição de comando, mas que as mulheres são: “débeis, impacientes, fracas, vulneráveis, tolas, inconstantes, volúveis, cruéis, destituídas de espírito de deliberação e organização”¹¹⁶.

Calvino viu o silêncio das mulheres como algo definido pelas leis humanas e não pelas leis divinas. Dos teólogos da reforma do século XVI foi o único que teve uma relação de diálogo com as mulheres, reconhecendo o papel das mulheres na Bíblia. Mesmo assim seu trabalho não favoreceu as mulheres na liderança das igrejas¹¹⁷.

Apesar de apresentar argumentos contrários à pregação feita por mulheres, a reforma acentuou dois aspectos importantes que são divisores de água para o reconhecimento das mulheres dentro das Igrejas. O primeiro é resgatar uma concepção eclesiológica distinta. Nela, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e batizadas é afirmada... O segundo fator é resgatar a natureza dos sacramentos, o que permitiu que as mulheres tivessem acesso a administrá-los.¹¹⁸

¹¹¹ DEIFELT, 2014. Acesso em: 7 nov. 2022.

¹¹² MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.26.

¹¹³ STANTON, 2019, p.21.

¹¹⁴ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.5.

¹¹⁵ LUTERO apud MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016.

¹¹⁶ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.5.

¹¹⁷ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.5.

¹¹⁸ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.6.

Uma pena que em todo processo da reforma, o próprio Martinho Lutero, e nenhum dos defensores da Reforma, colocaram em prática o que foi definido a partir do texto Gálatas 3.27-28. Lutero utiliza de dois argumentos para delimitar este ministério. Primeiro traz argumentação cultural, o homem tem mais desenvoltura para expressar-se em público. Segundo apresenta argumentação teológica, como Paulo, cita Gênesis 3.16, que impõe submissão à mulher. Lutero reconhece as mulheres Bíblicas, mas apresenta o argumento que em comunidade onde tem homem, a pregação feminina não seria aceitável.

Mesmo sem apoio, com as lideranças masculinas à frente das Igrejas da reforma, as mulheres tiveram sua contribuição, ocuparam seus espaços, muitas delas desafiaram o sistema e as hierarquias de sua época e deram sua contribuição para a história como Marie Dentiére, de Genebra, Suíça, que escreve uma carta a sua amiga Margaret Navarre, em 1539, onde defendia a pregação feita por mulheres¹¹⁹. Rachel Speght, calvinista na Inglaterra em 1621, publicava seus escritos teológicos em forma de poesia, pois não podia pregar em público. A maioria das mulheres que escreviam usavam pseudônimos masculinos para manter-se anônimas. Rachel foi uma das primeiras mulheres a usar seu próprio nome¹²⁰.

Dizia Rachel Speght que as mulheres receberam de Deus corpo, alma e espírito. Sendo que a alma é o lugar onde habita a mente, a vontade e o poder. Por que Deus teria dado às mulheres todos estes talentos se não fosse para usá-los? Se as mulheres enterrassem ou fizessem mau uso dos talentos dados por Deus, seria como um serviço irresponsável.¹²¹

O tema dos talentos foi muito utilizado nos séculos que se seguiram à reforma. Se é o Espírito que comissiona as pessoas para pregar, falar, por que demorou até o século XX para que as Igrejas da Reforma pudessem aceitar a ordenação de mulheres?¹²² No período da Reforma as mulheres não questionavam toda a ideologia de inferioridade. Esse questionamento vem não das mulheres que questionavam seus espaços nas Igrejas, mas de mulheres seculares. No século XVIII é que algumas escritoras começariam a argumentar sobre o direito das mulheres em grupo e não como pessoas isoladas¹²³. As mulheres dentro das Igrejas continuaram buscando seus espaços de forma isolada.

¹¹⁹ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.31.

¹²⁰ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.32.

¹²¹ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.32.

¹²² MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.34.

¹²³ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.34.

Inovadora, no entanto, é a discussão pública acerca do ministério feminino. A vocação depende de Deus, da ação do Espírito Santo. O Espírito sopra onde quer, quando quer e não faz acepção de pessoas. Em grande parte, os impedimentos para a aceitação de mulheres no ministério foram superados pelo argumento de que elas eram chamadas pelo Espírito Santo para dar testemunho¹²⁴.

4.4 AS MULHERES NO MINISTÉRIO ORDENADO

É dentro da lógica de um sistema patriarcal que Jesus insere o valor de igualdade para homens e mulheres. O sistema patriarcal foi perverso e, paulatinamente, foi amenizando e diminuindo a condição de igualdade entre homens e mulheres dentro da comunidade iniciada por Jesus. Logo foi se acomodando novamente dentro dos padrões de discriminação da sociedade. Ana Luiza em seu livro onde estão as Deusas escreve:

Quando algumas religiões enfatizam uma única imagem do sagrado, predominantemente masculina, não só podem estar justificando como também possibilitando relações de gênero desequilibradas, supervalorizando o masculino como único caminho de se viver o transcendente e de se tornar sagrado ou de se chegar ao sagrado.¹²⁵

A vocação ao ministério no movimento cristão, por séculos, foi abafada, sufocado no coração e na mente das mulheres e, em muitas instituições religiosas Cristãs, perduram até os dias de hoje. Mesmo com o reconhecimento no cânon bíblico, do envio de Jesus às mulheres para a missão em seu nome, mesmo com o diálogo do Cristo Ressuscitado e Miriam de Magdala, mesmo com o mandato explícito de Jesus, após sua Ressurreição.

O reconhecimento não foi levado adiante pelas igrejas que, em nome de Jesus, se coloram em Missão. O sistema Patriarcal encontrou uma forma de sustentar até nossos dias a estrutura, que não vem de Jesus, mas dos primeiros séculos que se seguiram ao cristianismo.

Os pais da igreja, em sua maioria, foram os maiores defensores deste modelo. Eles foram homens cristãos que escreveram e exerceram liderança na Igreja entre o final do primeiro século até final do sexto século. Esse período da história da Igreja ficou conhecido como “Cristianismo Patrística”¹²⁶.

¹²⁴ MOTA; DEIFELT; SCHUCHARDT, 2016, p.35.

¹²⁵ CORDEIRO, Ana Luisa Alves. **Onde estão as deusas?** São Leopoldo: CEBI, 2011.

¹²⁶ KLEIN, Carlos Jeremias. **Curso de história da Igreja**, São Paulo, Fonte Editorial LTDA, 2007. P.57

O que os textos acima mostram é, em menos de cinquenta anos após a morte de Jesus, as mulheres já foram sendo colocadas na mesma situação em que estavam antes da acolhida e reconhecimento dado pelo Mestre Jesus. Com os chamados códigos domésticos, verdades de fé, apresentados por Paulo, em suas cartas, vai estabelecendo novamente qual lugar homens, mulheres e crianças vão ocupando dentro da família e da religião. Com um jeito grego de pensar e um modelo romano de administrar, a Igreja reduziu os espaços para as mulheres. Já no início do terceiro século¹²⁷.

A participação das mulheres até os anos de 1950, no Ocidente, deu-se no ministério conhecido de pessoas leigas e voluntárias. Em alguns casos isolados, vai acontecer anterior a essa data no ministério ordenado. Mulheres leigas na Igreja tiveram uma grande incidência. Dentro das Igrejas protestantes, como igrejas de imigração, as mulheres tiveram papel importante, mas sempre nos trabalhos voluntários como dom e serviço.

A participação da mulher na vida pública era vista como uma extensão de suas atribuições no lar, dona de casa, esposa e mãe. Como perguntar pela ordenação de mulheres? Outras perguntas eram importantes de serem respondidas antes do ministério ordenado. As mulheres já têm participação ativa nos poderes de decisões em suas comunidades de fé? Votam em assembleias? Tem participação ativa em sínodos? Falam em público? Coordenam espaços e dirigem onde há homens? Quando as mulheres foram assumindo espaços públicos de participação dentro das Igrejas, como leigas, mais forte foram aparecendo as perguntas sobre a ordenação¹²⁸. Cada instituição teve a sua resposta conforme sua constituição eclesiástica. Muitas vezes, as tentativas de ocupação desses espaços por mulheres foram entendidas como transgressão e profanação do sagrado, acarretando-lhes penas que iam desde o despojamento até torturas físicas¹²⁹.

Para as Igrejas protestantes com uma constituição congregacional, onde pessoas leigas tinham maior participação e influência, a aceitação de mulheres como pregadoras licenciadas foi mais rápida. Em 1853, aconteceu a primeira

¹²⁷ DEIFELT, Wanda. **Entrevista**. Disponível em: Ihu.unisinos.br/entrevistas/557752-maria-madalena-e-as-discipulas-de-jesus-protagonistas-que-resistem-a-um-apagamento-entrevista-especial-com-wanda-deifelt. 2016, Acesso em: 7 nov. 2022

¹²⁸ DEIFELT. 2014, Acesso em: 7 nov. 2022.

¹²⁹ DAÉBS, Bianca. As mulheres de batina: práticas e representações nas duas décadas (1985-2005) de ordenação feminina entre episcopais anglicanos no Brasil. *In*: SILVA, Lílian Conceição; ROSA, Selma Almeida; RIBEIRO, Tatiana (orgs.). **35 anos de ordenação de Mulheres na IEAB**. Porto Alegre: Livraria e Editora Anglicana, 2020, p. 137.

ordenação de uma mulher, justamente entre congregacionais. Os Discípulos de Cristo, nos Estados Unidos, aceitaram ordenar uma mulher para pregar antes mesmo de aceitar mulheres como *ελδερ*¹³⁰. Nas Igrejas Presbiterianas e Episcopais o processo foi mais lento.

A Igreja da Suécia, protestante luterana, aceita a ordenação feminina desde 1960, e, conseqüentemente, há inúmeras mulheres ordenadas¹³¹. A Igreja protestante luterana da Dinamarca teve a sua primeira mulher ordenada em 1948. No Brasil, a Igreja de confissão luterana passa a ordenar mulheres no ano de 1982. O cristianismo evangélico, em parte de suas denominações, autoriza oficialmente a ordenação de mulheres nas igrejas¹³².

Na Segunda Guerra Mundial, foi impossível padres anglicanos chegarem até Macau, e lá não havia padres anglicanos residentes. Uma mulher foi ordenada, Dra. Florence Li-Tim-Oi de Hong Kong, em 25 de janeiro de 1944. Sua ordenação causou muitas polêmicas para as igrejas anglicanas contra a ordenação de mulheres. No final da guerra, para evitar maiores problemas, Florence renunciou ao serviço, porém não às ordens.

Em 1971, a Igreja de Hong Kong e Macau se tornou a primeira da Província Anglicana a permitir a ordenação de mulheres ao sacerdócio. No ano de 1975 aconteceram as primeiras ordenações de mulheres nos Estados Unidos. No Brasil, no ano de 1985, aconteceu a primeira ordenação de uma mulher na Igreja Episcopal Anglicana, Carmen Etel Alves Gomes, da cidade de Livramento no RS¹³³.

O catolicismo romano, sempre influenciado por uma cultura machista, era, e ainda é, difícil de assumir as mulheres no ministério ordenado. Nas igrejas ortodoxas, mulheres presbíteras ainda são impossíveis. Em muitas igrejas evangélicas e pentecostais a mulher ainda é vista em segundo plano, e a ordenação não é aceita.

4.6 TEREMOS UM LONGO CAMINHO A PERCORRER

¹³⁰ Ministra ordenada.

¹³¹ RODRIGUEZ, Margarita. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53950073>. 28 agosto 2020. Acesso em: 26 out. 2022.

¹³² <https://www.luteranos.com.br/conteudo/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres>. CONIC, 2012

¹³³ SWIFT, Diana. Disponível em: <https://www.episcopalnewsservice.org/pt/2014/01/28/first-woman-priest-honored/>. 2014, Acesso em: 28 out. 2022.

Já percorremos um longo caminho nesta desconstrução do patriarcado, não queremos mais nos submeter a essas construções machistas, sexista e misóginas deste sistema patriarcal perverso.

Este sistema compõe todos os âmbitos da sociedade, econômico, político, cultural e religioso. O campo religioso é um lugar também de legitimação do exercício do poder. Se não buscarmos compreender as estruturas de poder que atuam em nossa sociedade, corremos o risco de não compreendermos uma parte significativa do capital simbólico que constrói as referências, os usos e costumes das comunidades que pesquisamos, tornando ineficaz nossas análises históricas e sociológicas¹³⁴.

A ideologia patriarcal se concretiza na forma de governar e se mantém através de religiões. Um dos espaços mais importantes para a manutenção do patriarcado é a religião¹³⁵. Esse sistema veio passando por gerações, tornou-se uma tradição e vai perpassando gerações após gerações. Algo que foi constituído pelo poder do mando patriarcal, entra como regra normativa e com o passar dos milênios foi transformando-se em lei, dentro das tradições religiosas.

Tradições, assim como são criadas também podem mudar, por refletirem ideias e desejos da época em que tiveram origem e foram transmitidas¹³⁶. É necessário se desmitificar tudo o que foi construído a milênios, só assim conseguirá jogar luzes nos movimentos por dignidade, equidade e direitos para com mulheres.

Vitório Memcucci, em seu artigo, afirma que:

A exclusão da mulher do sacerdócio não tem um fundamento na Palavra de Deus. A tradição, por sua vez, é facilmente influenciada pela cultura e pelos costumes das várias épocas pelas quais passa. Isso exige a análise e o escrutínio crítico de todos os elementos, para evitar que seja tomado como verdade aquilo que é apenas um preconceito de uma época.¹³⁷

Jesus não designou ao ministério ordenado nem homens e nem mulheres, também nunca usou o termo “sacerdote”¹³⁸, mas constituiu Apóstolas e Apóstolos que foram enviados para anunciarem a boa notícia. As mulheres foram as primeiras a anunciar a Ressurreição. Paulo, no final da carta aos Romanos, termina com agradecimentos ao trabalho das mulheres que prestaram serviços na comunidade,

¹³⁴ DAÉBS, 2020, p.137.

¹³⁵ LOPES, Mercedes. Discípulos e discípulas no evangelho de Marcos. **PNV**, São Leopoldo, 293, 2002, p. 11.

¹³⁶ PERRONI, 2017, p. 22.

¹³⁷ MENCUCI, 2018. Acesso em: 24 out. 2022.

¹³⁸ MENCUCI, 2018. Acesso em: 25 out. 2022.

em especial a Júnia que com seu marido Andrônico foram incansáveis “apóstolos” (Ro 16.7).

Toda exclusão causa inferioridade, limitação. O fanatismo dos apologetas faz com que fiquem cegos diante da situação de violência contra as mulheres, é uma violência, quando elas são limitadas a estarem em espaços pelo fato de serem mulheres. Nestes tempos modernos onde muito já se avançou, se conquistou em relação de igualdade, equidade de gênero, é uma vergonha instituições religiosas manterem-se firmes na exclusão das mulheres ao ministério ordenado ou em espaços onde elas quiserem estar. O teólogo e padre italiano Vittorio Mancucci, pároco em Scapezzano, na Itália, diz:

Para nós, homens modernos, soa inaceitável e não conseguimos pensar em Cristo de um lado diferente. A preocupação da autoridade eclesial é de passar ilesa entre Cila e Carídis, ou seja, manter firme a exclusão das mulheres do sacerdócio e, ao mesmo tempo, não diminuir a dignidade da mulher, o que, na cultura contemporânea, levaria a um suicídio de credibilidade.¹³⁹

É necessário desmitificar tudo o que foi construído há milênios, só assim se conseguirá jogar luzes nos movimentos por dignidade, equidade e direitos para com as mulheres. Quantas mulheres já acordaram para a realidade de opressão que estavam sendo submetidas. Quantas mulheres, muitas vezes, já foram chamadas a atenção porque saíram fora da ordem estabelecida, a cada “ousadia”. Quantas vezes em suas manifestações em busca de equidade eram puxadas a voltarem para o lugar da “ordem”. Onde queriam deixar as mulheres? De cabeça e olhar baixo, cobrindo a cabeça e obedecendo aos seus senhores¹⁴⁰.

Por séculos, as mulheres tiveram que viver assim, obedecendo por conta da repressão. Com o passar do tempo, foram descobrindo que, nesta obediência, não há convicção. Muitas mulheres passaram a ser algozes das próprias mulheres para manter a ordem estabelecida. Ivone Gebara nos diz de onde vem esta ordem:

Esta ordem vem de fora, não de convicção, não de “dentro”, eram declaradas, obrigadas, negociadas, imposta a ferro e fogo, gritadas. As mulheres passaram a perceber que aquilo não era obediência, era desobediência a elas mesmas, à sua voz interior, aos gemidos de seus corpos, às doçuras de seus sonhos. Estava na hora de obedecer! E estava na hora de desobedecer.¹⁴¹

As mulheres, por sua luta incansável, conseguiram mudar em muitos lugares esta ordem estabelecida. Contudo, há muitas lutas a serem travadas, onde este

¹³⁹ MENCUCI, 2018.

¹⁴⁰ GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista**: uma brevíssima introdução. [s/l]: Terceira Via, 2017, p.89.

¹⁴¹ GEBARA, 2017, p.91.

reconhecimento da equidade de gênero ainda não chegou. Mulheres ainda são submetidas a situações de desrespeito e discriminação. Muitas instituições religiosas, em nome de Jesus, continuam deixando as mulheres submetidas à ordem e ao poder do mando patriarcal.

Este sistema é perverso, vai construindo e costurando de tal maneira este poder que, se não houver um despertar das mulheres em busca de sua libertação, o patriarcado vai se perpetuando, geração após geração, na política, na família, na sociedade e nas Igrejas, onde pregam em nome daquele que mais acolheu e deu dignidade às mulheres dentro de seu contexto, Jesus.

A religião exerce um poder muito forte para assegurar o *status quo*, o jeito de manter as coisas como estão. Em nosso contexto brasileiro, isso significa um alto índice de alienação diante da situação de pobreza e uma educação que não forma nem informa, pelo contrário, prefere deixar a população cega diante da realidade. Cresce o número de Igrejas cristãs perpetuando este poder patriarcal. O instigante é que cresce o número de adeptos dentro destas igrejas, sobretudo, nos meios mais populares, onde reside a falta de poder dos pobres no que se refere às grandes mudanças políticas, sociais e religiosas, especialmente a falta de poder das mulheres no âmbito das decisões públicas¹⁴².

Estas igrejas aparecem como um novo poder masculino sobre os fiéis, propondo soluções quase imediatas para todos os problemas. Na angústia e no desespero, as pessoas acabam ficando sem questionar, ou sem a capacidade para perceber o que está por trás daquele poder exercido por aqueles representantes da igreja, aceitando as condições de submissão à igreja ou ao pastor. Contudo, percebe-se este poder exercido por igrejas nas classes mais abastadas da sociedade, mulheres e homens com formação e informação, também sendo manipulados por este poder. É necessário sonhar com teologias humanizadas e organização de igrejas com maior pluralidade, que acolham a diversidade da vida e tratem toda criação com o olhar de respeito e construa relações humanas mais igualitárias.

É necessário um resgate do Jesus histórico em detrimento do Jesus criado pelo Império Romano e outras culturas de morte. Este Jesus histórico defendia que as pessoas fossem vistas como iguais, as mulheres fossem apóstolas e pudessem

¹⁴² GEBARA, 2017, p.91.

fazer parte do discipulado de Jesus, ao contrário do modelo até então perpetuado baseado em um discipulado de homens.

5 CONCLUSÃO

Ajudar no resgate de uma mulher que fez parte do grupo que acompanhou Jesus em sua missão foi o objetivo deste trabalho desde o princípio. Dar visibilidade a uma personagem bíblica, Miriam de Magdala, jogando luzes no que a invisibilizou, é ajudar na reflexão de séculos de repressão e sofrimento. Reconstruir a trajetória de Miriam de Magdala é, também, nos reconstruir enquanto mulheres.

As fontes originais do cristianismo, analisadas utilizando a hermenêutica feminista, possibilitam, como foi mostrado no decorrer da dissertação, que havia vários modelos de expressar e viver a fé. Havia vários modelos de viver a fé no Jesus de Nazaré, o Cristo Ressuscitado.

No processo das comunidades iniciantes, muitos registros foram sendo construídos, mas o que predominou dentro da lógica patriarcal daquela época foi o cristianismo apostólico das comunidades onde predominavam as lideranças masculinas, os apóstolos. O modelo onde as mulheres eram as lideranças das comunidades, foi sendo deixado para trás, até chegar ao modelo de lideranças, no movimento de Jesus, apenas de homens. Foi dentro desta ótica que foram escolhidos os livros canônicos.

Na busca para entender quem foi Miriam de Magdala, naquelas primitivas comunidades cristãs, iniciamos pelos evangelhos, encontrando apenas doze referências. Onze destas referências estão no contexto da paixão, e uma, no evangelho de Lucas 8,1-3, no caminho de Jesus para Jerusalém, início de seu ministério. A atenção maior foi dada ao Evangelho de João, no diálogo de Jesus com Miriam de Magdala, na tentativa de aprofundar a missão que Jesus confere a ela, designando-a como apóstola, centrando no capítulo 20.1-18, mais especificamente nos versículos 16-18: o encontro e diálogo do Cristo Ressuscitado com Miriam de Magdala.

Além dos quatro Evangelhos usamos também, como fonte de pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho, estudos sobre os livros apócrifos. Apócrifos são livros que não foram considerados canônicos, ficaram às margens dos livros oficializados como pertencentes as comunidades cristãs do início do cristianismo, aqueles que, por algum motivo, não entraram no cânon. Foram surpreendentes as

descobertas feitas neste material. A forma como estes livros apresentam e reverenciam a discípula Miriam de Magdala, discípula amada, a sabedoria, Sophia é impressionante. Esta pesquisa permitiu desconstruir e reconstruir muitas ideias sobre a discípula, apóstola de Jesus.

Os escritos, livros apócrifos dos primeiros séculos, são uma mescla do pensamento do período, Jesus de Nazaré e seu grupo, extrapolam o que está escrito nos textos canônicos. No evangelho de Miriam de Magdala, ela pode não ter sido a autora, mas ela é a personagem central. Nos textos apócrifos, a discípula Miriam tem importância tanto quanto os discípulos, ela é uma figura muito mais importante na igreja primitiva daquilo que transparece na imagem canônica do Segundo Testamento.

Essa busca permitiu afirmar as suspeitas de que nada existe que macule a imagem daquela mulher, ou que impeça dizer que Miriam de Magdala foi uma grande discípula, uma mulher que se colocou a caminho, participou do grupo no ministério de Jesus, e que esteve com Jesus, no momento mais doloroso da prisão, condenação e crucificação. Miriam de Magdala esteve presente e acompanhou com outras mulheres todos aqueles acontecimentos dos últimos dias da vida de Jesus.

No dia seguinte à crucificação, continuou no movimento e só não esteve no sepulcro porque era sábado e não era permitido. No domingo pela manhã, foi ao seu encontro, pensando encontrá-lo morto no sepulcro, mas, para sua surpresa, Ele não estava mais lá, estava vivo, Ressuscitou! Miriam de Magdala não precisou de um tempo para dissolver as dúvidas e incertezas: fez rapidamente a passagem da angelofania à cristofania, morte e ressurreição de Jesus. Essa passagem para Miriam, foi quase que imediata e, para ela, o anúncio da ressurreição, através dos sinais dados pelos anjos, coincide com a aparição do Ressuscitado.

Portanto, é daqui que brota o mandato apostólico feito por Cristo, o primeiro depois da ressurreição. A dúvida e o medo se dissipam com o anúncio de Miriam. Esta descoberta nos permite dizer que Miriam de Magdala foi de fato uma apóstola! E, ao mesmo tempo, nos traz argumento para dizer que foi negligenciada pelos autores dos livros do cânon bíblico.

Sabemos que muitas pessoas têm dificuldade em aceitar uma hermenêutica diferente da tradicional, contudo, não há como negar que a práxis de Jesus incluía a

todos, era de acolhimento e ensino de um outro modo de viver. Para Jesus, mulheres e homens são a mesma face de um mesmo ser: o humano.

Também não podemos deixar de mencionar que na descrição da Carta Paulina de 1Coríntios 15.3-5, onde não explicita o que os quatro evangelhos trazem com muita eloquência, o evento da ressurreição com o testemunho das mulheres, em especial Miriam de Magdala. O fato de Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios ter mencionado que o ressuscitado apareceu primeiro a Pedro depois aos doze, ajudou muito para o processo de desqualificação do discipulado das apóstolas mulheres junto de Jesus.

Fico imaginando se, nesse trecho, Paulo tivesse escrito que Jesus apareceu primeiro a Miriam de Magdala ou às mulheres, depois aos doze, como poderia ter sido diferente para nós mulheres. Não somos ingênuas e suspeitamos que o sistema patriarcal foi quem conduziu a escrita e a escolha do cânon por este caminho.

Acompanhar na história a movimentação e luta de tantas mulheres para estar no movimento da vida, seja na sociedade dos primeiros séculos do cristianismo, seja no primeiro milênio de história das igrejas cristãs, no tempo da reforma ou pós-reforma, e ainda nos dias de hoje, é sempre se deparar com discriminações machistas, misoginia, desânimo e cansaço. Todos os dias é preciso provar que somos capazes de estar à frente, gerenciando, animando ou coordenando. Isso acontece em qualquer instituição, seja no campo social, político, empresarial ou instituições religiosas, cristãs, ou outras profissões de fé.

A pesquisa desenvolvida levou a entender que a exclusão da mulher do sacerdócio não tem um fundamento na Palavra de Deus, mas no sistema patriarcal. Foi a tradição que, por sua vez, influenciada pela cultura e pelos costumes das várias épocas pelas quais passamos que gerou esta discriminação e preconceitos.

Resgatar as mulheres das primitivas comunidades é reconstruir a história de tantas mulheres que ainda hoje são silenciadas, violentadas em sua dignidade em seus desejos e suas vocações. Precisamos esperar em uma comunidade de iguais, onde mulheres e homens possam exercer suas vocações e serem o que quiserem ser. O que não precisamos mais é que alguém diga, “nesta função você não pode estar, porque você é mulher”.

As mulheres devem estar onde seus desejos e sentimentos apontarem, devem estar onde quiserem estar! Que a Divina Sabedoria, Deus Mãe, nos inspire, que o Sopro da Divina Ruah, nos dê energia para seguirmos na luta!

REFERÊNCIAS

- BIBLEWORKS. versão 7. Disponível em <http://www.bmssoftware.com/bibleworks7.htm>, 2008, Acesso em: 2022.
- BÍBLIA ALMEIDA revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA Nova tradução linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BORTOLINI, José. **Como ler o evangelho de João**. Caxias do Sul/RS: Paulus Gráfica, 1994.
- BROWN, Raymond Edward. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- CAPUCHO, Eduardo. Aparição do Ressuscitado a Maria Madalena João 20,11-18. **Revista de Cultura Teológica**, v. 19, n. 74, p. 68, abr. 2011.
- KLEIN, Carlos Jeremias. **Curso de história da Igreja**, São Paulo: Fonte Editorial LTDA, 2007.
- CORDEIRO, Ana Luisa Alves. **Onde estão as deusas?** São Leopoldo: CEBI, 2011.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz; SOARES, Sebastião Armando Gameleira. **Roteiro para analisar textos da Bíblia**. São Leopoldo: CEBI, 2017
- DAÉBS, Bianca. As mulheres de batina: práticas e representações nas duas décadas (1985-2005) de ordenação feminina entre episcopais anglicanos no Brasil. *In*: SILVA, Lílian Conceição; ROSA, Selma Almeida; RIBEIRO, Tatiana (orgs.). **35 anos de ordenação de Mulheres na IEAB**. Porto Alegre: Livraria e Editora Anglicana, 2020.
- DEIFELT, Wanda. **Mulheres pregadoras uma tradição da igreja**. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/mulheres-pregadoras-uma-tradicao-da-igreja. Acesso em: 07 nov. 2022.
- DEIFELT, Wanda. **Entrevista**. Disponível em: ihu.unisinos.br/entrevistas/557752-maria-madalena-e-as-discipulas-de-jesus-protagonistas-que-resistem-a-um-apagamento-entrevista-especial-com-wanda-deifelt. Acesso em: 7 nov. 2022.
- DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1977.

EVANGELISTA, Conceição. **O papel da mulher no cristianismo primitivo a partir da samaritana**. São Leopoldo: CEBI, 2018.

FARIAS, Jacir de Freitas. **Origens apócrifas do cristianismo**. Comentários aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. São Paulo: Paulinas, 2003.

FARIAS, Jacir de Freitas. **Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **Caminhos da sabedoria**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **As origens cristãs a partir da mulher, uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia nº 7**. As comunidades cristãs a partir da primeira geração CEBI e Paulus 2005.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia nº 8**. As comunidades cristãs a partir da segunda geração CEBI e Paulus 2005.

GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista: uma brevíssima introdução**. [s/l]: Terceira Via, 2017.

HAAG, Michael. **Maria Madalena: da Bíblia ao Código da Vinci**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**. Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES, Mercedes. Discípulos e discípulas no evangelho de Marcos. **PNV**, São Leopoldo, 293, p. 11, 2002.

LUTERANOS.COM. **IECLB há 30 anos ordenando mulheres**. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres>. Acesso em: 5 nov. 2022.

MACHADO, Alzira Gomes. **Basta de violência contra as mulheres**. São Leopoldo: CEBI, 2016.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MENCUCCI, Vittorio. **As mulheres e a igreja**: as raízes de uma discriminação. Rocca, n. 16/17, ago. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/581733-as-mulheres-e-a-igreja-as-raizes-de-%20uma-discriminacao-artigo-de-vittorio-mencucci>. Acesso em: 24 out. 2022.

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes; OROFINO, Francisco. RX da vida, evangelho de João. **PNV**, São Leopoldo, n. 147/148, p. 16, 2000.

MORACHO, Felix. **Como ler os evangelhos**: para entender o que Jesus fazia e dizia. São Paulo: Paulus, 1994.

MOTA, Sonia; DEIFELT, Wanda; SCHUCHARDT, Ketlin Lais. **Em memória delas**: mulheres na reforma protestante. São Leopoldo: CEBI, 2016.

MOURA, Fátima Maria Carvalho Rocha de. **Maria Madalena**. São Leopoldo: CEBI, 2013.

PERRONI, Marinnela Simonelli. **Maria de Magdala, uma genealogia apostólica**. São Paulo: Paulinas, 2017.

RODRIGUEZ, Margarita. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53950073>. Acesso em: 26 out. 2022.

SCHINELO, Edmilson; CHAMORRO, Graciela. **A comunidade do discípulo amado e o jardim do bem-viver**. São Leopoldo: CEBI, 2013.

SCHOLZ, Wilsom. **Novo testamento interlinear grego e português**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

STANTON, Elizabete Cady. **A Bíblia para as mulheres**. São Leopoldo: CEBI/Editora Anglicana, 2019.

SWIFT, Diana. Disponível em: <https://www.episcopalnewsservice.org/pt/2014/01/28/first-woman-priest-honored/>. Acesso em: 28 out. 2022.

TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

TREBOLLE, Barreira Julio. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**. Introdução à história da Bíblia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva**. [s/l]: EA, 2005.